

JOSIAS PEREIRA

Contos Espiritualistas



Editora Rubra Cognitiva

Contos Espiritualistas

Autor: Josias Pereira

Revisão: Eliane Cândido

ISBN: 978-65-87148-21-2

Editora: Rubra Cognitiva

Capa: desenvolvida por Inteligência Artificial a partir de um prompt elaborado pelo autor.

Esta obra segue as normas do **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.**

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, por quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento escrito dos autores.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime, conforme a **Lei nº 9.610/98**, punido pelo **artigo 184 do Código Penal.**

Cruz das Almas – Bahia

2025

Sumário

Prefácio	4
A Grande Viagem da Pequena Gota	6
A Vizinha de Jesus	8
O Obsessor que se Esqueceu de Obsediar	25
O Segredo da Felicidade	37
Os Laços Espirituais de Maria	48
O trabalho de Dona Jura!	58
O Nascimento de Seu Osmar	77
Os Destinos de Brandão	88

Prefácio

Peças de um Mosaico Espiritual

Este livro nasceu aos poucos, como peças de um mosaico que, uma a uma, foram se encaixando para revelar uma imagem maior. Imagens me vinham à mente: uma cena aqui, um rosto acolá... Confesso que, no início, eu não entendia muito bem o que tudo aquilo significava. Era como se os espíritos estivessem me entregando fragmentos de algo que eu ainda precisava compreender por completo.

Demorou um tempo até que eu compreendesse o propósito por trás disso tudo. Não se tratava de um único enredo, mas sim de um conjunto de pequenos contos. Histórias independentes, mas unidas por algo em comum: todas carregam mensagens profundas, reflexões sobre a vida, a existência e as grandes questões que nos movem. Afinal, por que estamos aqui? O que estamos fazendo com o tempo que nos é dado?

Curiosamente, a primeira história que recebi acabou saindo deste livro, pois seu tamanho (30 páginas) destoava do formato dos demais contos. Ela ganhará vida própria em um livro separado, com o título provisório de "**Fragmentos de um passado presente**". Essa primeira história foi a da gotinha, que me deixou confuso no início — afinal, o que significavam aquelas imagens? Mas também foi a que mais me encantou pela sua simplicidade e pela profundidade de sua mensagem. Cada conto que veio depois trouxe sua própria emoção, sua própria reflexão, e fui me emocionando com cada um deles.

Essas oito histórias não são apenas narrativas; são convites. Convites para rir, para se emocionar e, principalmente, para pensar. Talvez você concorde com elas, talvez discorde. Mas espero que, ao final de cada conto, uma pequena pulga fique atrás da sua orelha: *E se for assim? E se não for? A única certeza que tenho é que não tenho certeza de nada.*

Escrever este livro foi, acima de tudo, um aprendizado para mim. Como médium, sinto que ainda sou como um rádio com interferências, tentando captar as mensagens da espiritualidade da melhor forma possível. Meu mentor costuma brincar, dizendo que sou "um rádio quebrado", mas me encoraja, afirmando que, um dia, eu chegarei lá — onde, exatamente, nem eu sei. Estou apenas tentando fazer a minha parte.

Não escrevo para apresentar certezas, porque nem eu as tenho. O que sei é que minhas dúvidas podem, quem sabe, gerar perguntas em você, leitor(a). E isso, acredito, vale mais do que entregar respostas prontas. Afinal, a caminhada é sua, e as descobertas que fará ao longo dela serão sempre as mais valiosas.

Nem sempre consigo traduzir tudo com a clareza ou profundidade que talvez a espiritualidade gostaria. Mas faço o meu melhor, e sou profundamente grato por essa oportunidade.

Espero que estas histórias te toquem como me tocaram e que cada conto te inspire a refletir, repensar e reimaginar a sua própria jornada. Agradeço a você, leitor(a), por confiar nestes contos e por embarcar comigo nessa experiência.

Com gratidão,
Josias Pereira

A Grande Viagem da Pequena Gota

Era uma vez uma gotinha de água que percorria o mundo, deslizando por rios, escorregando em pedras e dançando entre os vales. Certo dia, ao ver o sol nascer tingindo o céu de tons dourados, ela sentiu algo diferente dentro de si. Inspirada pela beleza daquele momento, começou a questionar quem realmente era e qual era o seu propósito ali.

Enquanto observava as outras gotinhas brincarem e correrem pelo rio, ela se perguntava: "Será que sou apenas uma gota de água? Ou faço parte de algo maior?" No fundo, sentia que havia algo além do que seus olhos podiam ver. As outras gotinhas, no entanto, achavam seus pensamentos estranhos e, às vezes, até a deixavam de lado. Elas não entendiam por que alguém iria querer pensar tanto sobre algo tão simples como ser uma gota.

Um dia, sob o calor intenso do sol, algo inesperado aconteceu. Algumas gotinhas começaram a sentir-se diferentes, como se estivessem sendo puxadas para cima. Era a evaporação! Uma a uma, elas se transformaram em vapor e subiram ao céu, flutuando como pequenas fumaças. Lá de cima, viam o mundo lá embaixo, mas já não conseguiam mais conversar com as gotinhas do rio.

Nossa gotinha ficou eufórica ao testemunhar tudo aquilo. Com os olhos brilhando de admiração, exclamou:

— Eu não disse que a vida não era só ser uma gota de água? Olhem que lindo, agora somos vapor!

Ao se juntar às outras nuvens no céu, a ex-gotinha percebeu que nem todas estavam tão encantadas quanto ela. Uma nuvenzinha reclamava, balançando-se preguiçosamente:

— Não podemos ser apenas nuvens. Deve haver mais do que isso! A vida não pode ser só ficar aqui parada. Olhem lá embaixo as gotinhas se divertindo enquanto estamos aqui, presas neste tédio!

A ex-gotinha, agora uma nuvenzinha, não sabia o que responder. Limitava-se a observar tudo ao redor, curiosa e maravilhada. Mas logo algo novo começou a acontecer. As nuvens começaram a sentir uma mudança sutil — era a condensação. O vapor de água que as formava estava se transformando novamente em gotas. Quando a nuvenzinha percebeu, ela já não era mais uma nuvem. Era, mais uma vez, uma gota de água.

Ela olhou ao redor e, surpreendentemente, começou a rir. Uma gotinha próxima aproximou-se e comentou, admirada:

— Nossa, olhe aquelas nuvens... deve ser lindo estar lá em cima, vendo tudo!

A gotinha, que já havia sido nuvem e antes disso uma simples gota, sorriu com sabedoria e respondeu:

— Um dia você também estará lá.

Foi então que a gotinha, agora experiente por ter vivido tantas formas diferentes, olhou para o céu e finalmente compreendeu o ciclo da vida. Percebeu que, assim como a água, a vida tem seus ciclos e que cada fase — seja como gota, vapor ou nuvem — é especial e importante. Aprendeu que, enquanto estamos aqui, devemos aproveitar cada instante, sabendo que somos parte de algo muito maior.

Com essa nova compreensão, a gotinha aproximou-se de uma cachoeira onde suas amigas brincavam. Sorriu e mergulhou na correnteza, pronta para se divertir e viver o presente, ciente de que tudo é passageiro.

A Vizinha de Jesus

Em um dia comum no umbral, o ambiente estava repleto de energia densa. Os espíritos andavam de um lado para o outro, cada um preso aos próprios pensamentos e culpas. Alguns choravam silenciosamente, outros se culpavam por erros cometidos na Terra, e muitos simplesmente vagavam sem rumo, tentando entender onde estavam e por que ainda não haviam sido chamados para o "lado de lá". Era um lugar de transição, mas também de reflexão — embora poucos ali realmente entendessem isso.

De repente, algo diferente aconteceu. Uma mulher apareceu no meio da multidão espectral, chamando atenção imediatamente. Ela não era como os outros recém-chegados, que geralmente chegavam desorientados, vestindo roupas simples ou até mesmo andrajosas. Essa mulher, no entanto, tinha plasmado uma roupa elegante: um vestido longo azul-turquesa, um chapéu extravagante com flores, e saltos altos que ecoavam, enquanto ela caminhava pelo espaço etéreo.

Norma ajustou o chapéu no topo da cabeça, como se estivesse em um evento social chique. Ela olhou ao redor, curiosa, mas também confiante, como se aquele fosse apenas mais um lugar novo para explorar.

Os outros espíritos perceberam sua chegada, mas logo voltaram às suas atividades. Era normal ver pessoas chegando ao umbral todos os dias, e a maioria delas logo abandonava qualquer tentativa de manter aparências, já que criar ilusões exigia energia — algo que poucos ali tinham sobrando.

Mas Norma não era como os outros. Ela parecia animada, como se tivesse acabado de chegar em um lugar esperado há muito tempo. Olhou para os lados, observando os rostos tristes e perdidos à sua volta, e começou a chamar os espíritos próximos.

— Oi, tudo bem? Aqui é o quê? — perguntou ela, com um sorriso caloroso.

Ela andava de um lado para o outro, tentando atrair a atenção dos outros espíritos. Seu salto alto fazia pequenos cliques no chão invisível, como se ela estivesse em um palco.

Alguns espíritos passaram por ela sem dar muita atenção, mas um grupo finalmente parou para responder. Eles trocaram olhares entre si, confusos com aquela mulher tão peculiar.

— Oi, tudo bem? Aqui é o quê? — repetiu um deles, imitando o tom animado dela, mas com uma expressão de incredulidade.

Norma sorriu ainda mais, como se estivesse em uma festa do bairro.

— Aqui é o quê, nobre cidadão? — insistiu ela, com uma voz suave e educada.

Os espíritos se entreolharam novamente, sem saber como lidar com aquela situação inusitada. Um deles, mais corajoso, resolveu responder:

— Aqui é o umbral, moça.

Norma levou a mão ao peito, como se tivesse acabado de receber uma revelação importante. Seus olhos brilharam de compreensão.

— O umbral? Hum... Interessante! — disse ela, com um ar de quem estava impressionada. Depois, aproximou-se do grupo e abraçou o espírito que havia falado, surpreendendo a todos.

— Que coisa triste para vocês, né? Estarem aqui no inferno... — comentou ela, com um tom de pena genuína.

Os espíritos ficaram boquiabertos, sem entender o que estava acontecendo.

— Inferno? Não, moça, não é exatamente o inferno... É mais como um purgatório, sabe? A gente fica aqui até... Bem, até ser

chamado para outro lugar — explicou outro espírito, coçando a cabeça, visivelmente confuso.

Norma afastou-se do grupo, ajustando o vestido com cuidado, como se estivesse em um jantar formal. Ela olhou ao redor novamente, pensativa.

— Ah, então eu devo ter morrido, né? Hum... Acho que eu morri e vim aqui para ajudar vocês. Deve ser isso! — concluiu ela, com um sorriso satisfeito.

Os espíritos continuaram se olhando, sem entender qual era o "jeito" daquela mulher que acabara de desencarnar.

— Gente, nem me apresentei, né? Meu nome é Norma, mas podem me chamar de Dona Norma — disse ela, com um aceno gracioso.

Os espíritos trocaram olhares novamente, alguns balançando a cabeça, outros dando de ombros. Ninguém ali sabia direito o que pensar sobre aquela senhora peculiar.

O Primeiro Impacto de Dona Norma

Enquanto os espíritos tentavam processar a presença de Dona Norma, ela já estava ocupada analisando o ambiente. Parecia determinada a transformar aquele lugar sombrio em algo mais alegre — ou pelo menos mais organizado.

— Bom, agora que já nos conhecemos, vamos começar a resolver isso aqui! — declarou ela, com um entusiasmo que ninguém ali havia visto em décadas.

Os espíritos se entreolharam novamente, sem saber se deveriam rir ou fugir. Mas uma coisa era certa: Dona Norma não era como os outros.

A Procura pelo "Chefe"

Norma continuava sua busca incansável por respostas. Ela andava de um lado para o outro, como se estivesse em uma missão diplomática.

— Bem, agora que morri, preciso falar com o responsável por este espaço. Sabem quem é? — perguntou ela, com um ar de autoridade.

Os espíritos trocaram olhares confusos. Um deles finalmente respondeu, hesitante:

— Aqui não tem chefe não, dona.

Norma levou a mão ao peito, como se tivesse acabado de ouvir algo absurdo. Seu chapéu balançou levemente enquanto ela balançava a cabeça em desaprovação.

— Como assim?! Por isso que isso aqui é uma bagunça! Primeira coisa: vocês precisam eleger um líder. E esse líder vai organizar as ações aqui e limpar o espaço. É muito feio! Coisa feia chama coisa feita, sabem? É a mesma frequência! — explicou ela, gesticulando como se estivesse dando uma palestra.

Os espíritos continuavam se olhando, sem saber como lidar com aquela mulher diferente.

Um deles tentou trazê-la de volta à realidade:

— E... a senhora sabe que está no umbral, né?

Norma sorriu, radiante:

— Sim, sei! Devo estar aqui por alguma missão divina. O religioso lá da Terra que eu seguia sempre me falava que eu era especial e que teria uma grande missão na vida. E, por estar aqui, essa deve ser a missão!

O espírito coçou a cabeça, tentando entender:

— Mas, moça, a missão não era na Terra? Aqui é o purgatório...

Norma franziu a testa, claramente irritada:

— Decide, querido! Ou aqui é o umbral ou é o purgatório! Não confunda as pessoas, por favor.

O espírito se retratou rapidamente, fazendo um gesto de rendição.

— Desculpe, aqui no umbral.

Norma olhou ao redor, como se procurasse algo específico:

— Não tem telefone, um escritório, nada aqui não? Preciso falar com o responsável para resolver o meu caso.

Os espíritos à sua frente pareciam ainda mais confusos:

— Resolver que caso, moça?

Ela sorriu novamente, como se fosse óbvio:

— Eu, oras! Por que estou aqui?

Os espíritos começaram a rir baixinho entre si. Um deles arriscou:

— Será que o seu lugar não é aqui, não?

Norma se exaltou, cruzando os braços e erguendo o queixo com orgulho.

— Olha bem, meu amigo, eu não sou como vocês, tá bom? Eu estou aqui por engano. Vou te explicar uma coisa: eu sou herdeira, sabe? Nasci rica, muito rica. E, como herdeira, sempre tive uma vida muito boa. Então, não é na morte que eu vou ficar neste espaço feio!

Ela olhou ao redor, torcendo o nariz.

— Me desculpem, pessoal, mas o lugar aqui é muito feio e fede.

Um dos espíritos tocou o próprio nariz, confuso:

— A gente não sente o cheiro de nada, moça.

Norma sorriu, meio sem graça:

— Claro, né? Vocês devem estar aqui há muito tempo e já se acostumaram.

Outro espírito interveio, com um tom irônico:

— Ou será porque a gente não tem nariz!

Os outros espíritos começaram a rir, mas logo pararam quando Norma lançou um olhar reprovador.

— Enfim... — disse ela, ignorando a piada.

Norma começou a andar em círculos, tentando entender o espaço.

— Gente, preciso falar com o chefe de vocês. Sabe, vou confessar uma coisa: eu comprei uma casa aqui no céu!

Os espíritos ficaram boquiabertos. Um deles perguntou, incrédulo:

— Como assim, moça?

Norma sorriu, já imaginando sua nova residência celestial:

— Bem, conversei com um religioso na Terra, e ele estava vendendo terrenos no céu. E, como não gosto de construir — dá muito trabalho —, ele vendeu uma casa de dois andares para mim aqui no céu.

Os espíritos trocaram olhares, alguns rindo baixinho, outros balançando a cabeça.

— E pode isso, moça? — perguntou um deles, tentando segurar o riso.

Norma colocou a mão no peito, com orgulho:

— Para quem é rico, querido, podemos tudo.

Os espíritos concordaram com isso, mesmo que ironicamente.

Um deles ainda tentou argumentar:

— Mas, senhora, será que...

Ele foi interrompido por outro espírito, que parecia ser o "líder" do grupo. Este fez um sinal para que todos ficassem quietos e deixassem Norma continuar.

Norma prosseguiu, animada:

— Pedi uma casa com dois andares, meninos! Paguei uma fortuna por essa casa. Mas queria um espaço para minha cachorrinha pincher poder correr. A casa tem três quartos: um para mim, e os outros dois para meus filhos. Mas falei para o religioso que não queria o meu marido lá, não. Que ele vá para o inferno! Nossa, ele vai ser amigo de vocês então, né?

Os espíritos começaram a gargalhar, incapazes de conter o humor da situação. Norma, no entanto, permaneceu séria, como se estivesse falando a coisa mais lógica do mundo.

A Reação dos Espíritos

Enquanto Norma continuava a descrever sua casa celestial em detalhes, os espíritos começaram a perceber que ela não tinha ideia de onde realmente estava. Alguns acharam graça, outros ficaram com pena, mas todos concordaram em uma coisa: Dona Norma era única.

Um dos espíritos cochichou para outro:

— Essa mulher é louca, mas tem estilo.

Outro respondeu, rindo:

— Louca? Ela é genial! Já pensou alguém comprar uma casa no céu?

Norma Explica Sua Lógica

Os espíritos continuavam se olhando, tentando processar as palavras de Norma. Ela, por sua vez, parecia cada vez mais animada com a ideia de compartilhar seus planos.

— E pedi uma empregada, já que não vou ficar limpando uma casa de dois andares no céu, né? Quero curtir! — disse ela, com um sorriso confiante. — Ah, e quero uma pessoa para cuidar do jardim e da piscina. Quem sabe pode ser um de vocês, né?

Um dos espíritos se animou imediatamente, levantando a mão como se estivesse se candidatando ao emprego. Mas o "líder" do grupo rapidamente o puxou de volta, balançando a cabeça em desaprovação.

Norma continuou, sem perceber a interação entre os espíritos:

— Sabem, gente, pedi uma casa com piscina porque o céu deve ser quente, né? Perto do sol!

Os espíritos trocaram olhares, concordando silenciosamente com a lógica peculiar de Norma. Até mesmo o líder fez um gesto de aprovação, como se achasse graça naquela explicação.

Ela concluiu seu pensamento, com um ar de satisfação:

— Mas então... Eu acho que me colocaram aqui para esperar até minha casa ficar pronta. Agora estou entendendo. E aí, quando minha casa ficar pronta, eu vou para lá, tá?

Os espíritos continuavam boquiabertos, sem saber como responder. Um deles finalmente arriscou:

— Moça, ainda não entendi essa coisa de comprar casa, sabe! Aqui ninguém tem casa. Aqui a gente vive... Bem, nem vive, aqui a gente sobrevive, sei lá. Não entendo como funciona aqui também.

Todos concordaram com ele, alguns balançando a cabeça, outros dando de ombros. Norma sorriu calmamente, como se estivesse explicando algo óbvio para crianças pequenas.

— Aiii, desculpa, vocês são espíritos bem, bem fraquinhos, né? — disse ela, com um tom maternal. — Eu vou explicar para vocês. Quando a gente morre, a gente vai para o purgatório, que deve ser o lugar que vocês estão aqui, né? Purgatório, inferno, umbral, sei lá... Esse lugar aqui. Aqui, pelo que entendi, vocês vão ficar esperando para ver as coisas erradas que fizeram. E eu, como não fiz nada de errado, só estou aqui esperando minha casa ficar pronta. Assim que fizerem minha casa, eu vou embora daqui, tá? E aí, de repente, eu até posso visitar vocês, mas só um pouquinho, pois acho que vocês precisam de ajuda e de luz, né?

Os espíritos ficaram olhando para ela, alguns com expressões de pena, outros tentando segurar o riso. Um deles, visivelmente emocionado, agradeceu a bondade de Norma.

— A senhora deve ser poderosa mesmo, pois nem quando eu estava encarnado eu tinha uma casa — confessou ele, com um olhar de admiração.

Norma olhou para ele, como se fosse uma professora corrigindo um aluno distraído:

— Procrastinou, né?

O espírito franziu a testa, confuso:

— O que é isso, senhora?

— Ficar sem fazer nada — explicou ela, com um ar de superioridade.

O espírito sorriu, meio sem jeito:

— Não, eu não tinha dinheiro mesmo.

Norma confirmou, como se tivesse acabado de provar um teorema:

— Mas dá no mesmo! Procrastinar te leva a não ter dinheiro.

O espírito arregalou os olhos, impressionado.

— Nossa, pensei que eu era pobre por não ter trabalho. A senhora é muito sábia!

Norma olhou ao redor, como se estivesse prestes a revelar um grande segredo:

— Amigos, pena que eu não trouxe, mas o religioso me mostrou a foto da casa lá no céu!

Os espíritos rebateram, ainda incrédulos:

— Mas, senhora, não temos câmera fotográfica ou celular!

Norma balançou a cabeça, como se estivesse lidando com crianças ingênuas:

— Querido, olha só: os religiosos têm contato com esse mundo aqui invisível. Ele deve ter pedido para alguém do céu tirar a foto.

Um dos espíritos assentiu, como se finalmente tivesse entendido algo importante.

— Verdade! Lá no céu deve ter computador, celular, várias coisas tecnológicas.

A Reação dos Espíritos

Enquanto Norma continuava a explicar suas teorias sobre o céu e o purgatório, os espíritos começaram a se acostumar com sua presença. Alguns ainda riam baixinho, outros pareciam genuinamente fascinados pelas ideias dela. Mesmo o líder do grupo, que inicialmente parecia irritado, agora observava Norma com um misto de curiosidade e diversão.

Um dos espíritos cochichou para outro:

— Essa mulher é louca, mas é bem charmosa, né?

O outro respondeu, rindo:

— Ela deve estar confundindo as coisas, mas é divertido escutar sua lógica insana.

A Casa Rosa e a Rua de Jesus

Os espíritos continuavam olhando para Norma com uma mistura de admiração e incredulidade. Ela, por sua vez, estava radiante, como se já estivesse vivendo na casa que havia comprado.

— Gente, outra coisa legal! — disse ela, com os olhos brilhando de empolgação. — Eu paguei muito mais caro, mas pedi uma casa na rua onde mora Jesus Cristo!

Os espíritos arregalaram os olhos, impressionados. Alguns até levantaram as mãos em sinal de respeito.

— Nossa, vai ser vizinha Dele? — perguntou um deles, incrédulo.

Norma sorriu, orgulhosa:

— Sim! Ainda bem que usei o meu dinheiro para algo que presta. Comprar essa casa foi uma bênção de Deus!

Os espíritos trocaram olhares, alguns balançando a cabeça em aprovação. Parecia que Norma tinha acabado de conquistar seu lugar como a nova "celebridade" do umbral.

Mas Norma não parou por aí. Lembrou-se de algo que a deixou indignada:

— Gente, acredita que o religioso queria me colocar na vila de Santo Antônio? Eu não gosto muito de Santo Antônio, não. Aquele é o santo do casamento, e meu casamento foi uma tragédia. Então, a culpa deve ser dele, né, gente?

Os espíritos concordaram imediatamente, como se tivessem acabado de descobrir a verdade absoluta sobre Santo Antônio.

Norma prosseguiu, mostrando que havia estudado profundamente o assunto:

— Tinha outras ruas, sabe? Um monte de ruas bonitinhas, perto de outros apóstolos da Bíblia e profetas e tal. Mas eu não quis, não. Eu quis ficar perto de Jesus, isso sim.

Os espíritos aplaudiram mentalmente a decisão de Norma, como se ela fosse uma visionária por escolher a melhor localização celestial possível.

Norma olhou ao redor novamente, torcendo o nariz para o ambiente sombrio:

— Bem, vou ficar aqui só mais um pouquinho, que minha casa já deve estar ficando pronta. Não sei quanto tempo leva, né? Mas eu vou me acostumando. Meu nome é Norma, e de vocês?

O espírito que parecia ser o líder do grupo respondeu, meio sem jeito:

— Moça, a gente não tem nome. A gente desencarna, fica aqui e... não sabe de nada.

Norma negou aquela atitude com um gesto firme:

— Tá vendo? É por isso que eu estou com mais luz que vocês. Nome é importante!

De repente, todos os espíritos olharam para o lado, atraídos por uma luz azulada forte que começou a iluminar o ambiente. Norma se animou imediatamente.

— Obá! Vieram me levar! Minha casa deve ter ficado pronta! Tchau, gente, fiquem em paz e se cuidem!

Ela caminhou rapidamente em direção à luz, esperando ser levada para sua casa rosa com janelas brancas. No entanto, a luz passou por ela, levando algumas pessoas que estavam próximas, mas deixando Norma exatamente onde estava.

Norma paralisou no lugar, confusa. Depois de alguns segundos, ela caminhou de volta para o grupo de espíritos, tentando manter a compostura.

— Nossa, acho que a casa não tá pronta ainda! — disse ela, com um suspiro teatral. — Tinta rosa é difícil, sabiam?

Norma sentou-se no chão invisível, cruzando as pernas como se estivesse em uma sala de espera. Olhou para os espíritos com um sorriso simpático.

— Gente, vocês não vão me oferecer nenhuma comidinha, não?

Os espíritos ficaram olhando para Norma, sem saber se riam ou choravam. Um deles cochichou para outro:

— Que mulher estranha!

Outro respondeu, rindo baixinho:

— Já pensou em comprar uma casa na rua de Jesus?

Norma grita:

— Cadê a minha comida, pessoal?

Enquanto Norma estava sentada no chão do Umbral, reclamando da falta de comida, os espíritos começaram a se entreter com suas observações sobre o céu e sua casa rosa.

— Gente, vocês não vão me oferecer nenhuma comidinha, não?
— perguntou ela, cruzando os braços como uma criança emburrada.

Os espíritos se entreolharam, sem saber o que responder. Um deles arriscou:

— Dona Norma, aqui no Umbral a gente não come... Não temos corpo físico pra isso.

Norma franziu a testa, claramente irritada:

— Como assim?! Vocês estão dizendo que eu vou ficar sem comer até minha casa ficar pronta? Isso é um absurdo!

Ela levantou-se dramaticamente, ajustando o chapéu e colocando as mãos na cintura, como se estivesse pronta para enfrentar o universo inteiro.

Nesse momento, outra luz azulada apareceu no ambiente, ainda mais forte do que antes. Norma animou-se imediatamente:

— Ah, agora sim! Chegou minha hora! Minha casa deve estar pronta, né?

Mas, para sua surpresa, a luz parou ao lado dela e iluminou um grupo de espíritos que estavam ali há anos. Eles pareciam confusos, mas foram levados pela luz sem entender direito o que estava acontecendo.

Norma olhou ao redor, indignada:

— Como assim?! Eu sou a dona da casa rosa com janelas brancas na rua de Jesus Cristo! Por que eles foram e eu não?!

Um dos espíritos tentou acalmá-la:

— Talvez seja porque eles estavam esperando há mais tempo, dona Norma...

— Esperando? ESPERANDO?! — gritou ela, gesticulando dramaticamente. — Eu paguei uma fortuna por essa casa! Tem ideia do que custa uma piscina celestial? Santo Antônio ia me dar desconto na vila dele, mas eu disse: 'Não, quero a rua do Jesus!' E agora isso?!

Norma começou a andar de um lado para o outro, como se estivesse em um tribunal, defendendo seu caso. De repente, uma voz grave e calma ecoou pelo ambiente. Era um espírito luminoso, vestido com roupas brilhantes, que parecia ter acabado de chegar:

— Dona Norma, certo?

Ela paralisou, ajustando o chapéu novamente e sorrindo com orgulho:

— Sim, sou eu! A futura vizinha de Jesus Cristo!

O espírito luminoso sorriu, mas havia algo de irônico em seu tom:

— Bem, dona Norma, nós recebemos sua solicitação... Mas parece que houve um pequeno engano.

— Engano? Que engano? — perguntou ela, franzindo a testa.

— Sabe aquela casa rosa com janelas brancas que você comprou? — continuou o espírito, com um sorriso travesso.

— Sim, claro que sei! Paguei caro por ela! — respondeu Norma, indignada.

— Pois bem... Ela já está ocupada — disse ele, calmamente.

Norma arregalou os olhos, como se tivesse sido atingida por um raio. Seu chapéu balançou enquanto ela levava as mãos ao peito.

— O quê?! Já está ocupada?! Mas eu paguei! Eu tenho o comprovante! — gritou ela, procurando freneticamente em sua bolsa invisível.

O espírito luminoso continuou, impassível:

— Parece que o religioso que vendeu a casa para você... Bem, ele também vendeu a mesma casa para outras 50 pessoas.

Os espíritos ao redor começaram a rir baixinho, incapazes de segurar o humor da situação.

— O quê?! — Norma estava pasma. — Isso é fraude! Eu vou processar esse homem!

O espírito luminoso sorriu, com um ar paternal:

— Infelizmente, dona Norma, ele já está aqui no Umbral. E, pelo visto, ele não está muito feliz com todas as reclamações.

Norma bufou, claramente frustrada. Depois de alguns segundos, ela cruzou os braços e olhou para o espírito luminoso com determinação.

— Tudo bem, então. Se não posso ter minha casa rosa, eu quero meu dinheiro de volta! — declarou ela, como se estivesse em um programa de tele vendas.

O espírito luminoso riu suavemente:

— Dona Norma, aqui no Umbral o dinheiro não vale nada. Mas, como compensação, podemos lhe oferecer uma vaga na fila para a próxima casa disponível.

Norma olhou ao redor, incrédula. Os espíritos ao seu lado estavam rindo abertamente agora.

— Uma fila?! — gritou ela, indignada. — Eu não vou ficar em fila nenhuma! Eu sou Norma, a futura vizinha de Jesus Cristo!

Ela pegou seu chapéu, ajustou-o dramaticamente e caminhou até o centro do Umbral, como se estivesse prestes a fazer um discurso político.

— Escutem aqui, pessoal! — disse ela, apontando para todos os espíritos ao redor. — Se eu não puder ter minha casa rosa agora, vou ficar aqui mesmo e transformar este lugar em um céu! Vamos

começar limpando tudo isso, organizando as coisas e talvez até construir uma piscina aqui mesmo!

Os espíritos trocaram olhares, alguns rindo, outros aplaudindo. Um deles cochichou para o outro:

— Essa mulher é louca, mas tem estilo.

Outro respondeu, rindo:

— Louca? Ela é genial! Já pensou alguém transformar o Umbral em um resort celestial?

Enquanto Norma começava a organizar os espíritos para limpar o Umbral, o espírito luminoso aproximou-se dela novamente:

— Dona Norma, você realmente é especial. Talvez não precise de uma casa rosa para ser feliz.

Norma olhou para ele, ainda indignada, mas com um leve sorriso nos lábios:

— Bom, se Jesus vier aqui nos visitar, eu quero que Ele veja que eu estou fazendo um bom trabalho!

O espírito luminoso riu e desapareceu lentamente. Norma, agora cercada por espíritos que a admiravam, começou a distribuir ordens como uma verdadeira líder.

— Primeiro vamos limpar tudo de rosa! Depois arrumar cadeiras confortáveis! E alguém precisa cuidar das flores! — dizia ela, como se fosse a nova administradora do Umbral.

Os espíritos começaram a trabalhar, rindo e se divertindo com as ideias malucas de Norma. E, enquanto isso, ela murmurava para si mesma:

— Quando Jesus vir aqui, Ele vai ver que eu sou a melhor vizinha que Ele poderia pedir!

O Obsessor que se Esqueceu de Obsediar

Paulo era um típico adolescente de uma das cinco mil cidades do Brasil. Caminhava tranquilamente pela rua, parando para observar vitrines de roupas que sabia que não ia comprar e lançando olhares furtivos para as "gatinhas" nas lojas, sempre com um sorriso tímido no rosto. Em plena adolescência, seu desejo consciente — ou talvez inconsciente — girava em torno de namorar ou "ficar". Ele não sabia bem o que queria, mas esses pensamentos ocupavam sua mente durante o dia e a noite.

Sempre educado e brincalhão, Paulo não era o mais popular da escola, mas tinha sua fama de bom guitarrista. Cresceu ouvindo os clássicos dos anos 80, tanto nacionais quanto internacionais, e adorava tocar músicas dessas bandas para os amigos. Seus pais foram adolescentes nos anos 80, então ele cresceu imerso em inglês através das letras das canções, o que lhe rendeu uma pronúncia invejável, mesmo sem nunca ter feito curso algum.

Seu estilo de roupa refletia sua personalidade: "largado beleza". Não se preocupava muito com moda, mas sim com o que pensar e o que falar. Enquanto caminhava, vários pensamentos cruzavam sua mente, muitos deles fora de controle. O que Paulo não sabia — e provavelmente nunca saberia — é que, enquanto andava, o mundo espiritual estava em plena atividade ao seu redor.

Existe uma mística de que o mentor espiritual de alguém tende a ser parecido com essa pessoa. E assim era o mentor de Paulo: meio largado, meio confuso. Afinal, como dizem por aí, "é assim na Terra como no Céu..."

Foi quando Paulo parou em frente a uma lanchonete conhecida e grande da cidade. Estava prestes a voltar para casa, mas seu mentor começou a sussurrar em seu ouvido:

— Entra! E se a Eleonora estiver lá?

Paulo respondeu mentalmente, revirando os olhos:

— Eleonora não vai estar aqui.

Mas o mentor não desistiu:

— Mas e a Fátima? Ela adora sorvete!

Paulo hesitou por um momento, mas acabou cedendo:

— Bom, a Fátima pode estar... Vou entrar.

E assim eles entraram na lanchonete. Paulo adentrou meio estilo *Axl Rose*¹ — cabelo bagunçado, postura relaxada — enquanto seu mentor, invisível aos olhos humanos, entrou logo atrás, observando atentamente os outros mentores e seus mentorados. Ele percebeu que alguns mentores já haviam desistido de ajudar suas contrapartes encarnadas, deixando espaço para espíritos de baixa frequência circularem livremente.

O mentor de Paulo sabia que essas lanchonetes tinham uma carga energética complicada. Muitos jovens iam ali carregando emoções densas — medo, raiva, inveja — que alimentavam esses espíritos perdidos. Por isso, ele ficou de olho, pronto para proteger seu mentorado.

Enquanto caminhava, Paulo avistou Agatha, uma de suas amigas. O mentor de Paulo notou que a mentora de Agatha estava ali, com um ar meio triste. Então, falou diretamente na cabeça de Paulo:

— A Agatha não é muito minha amiga, mas vai lá falar com ela. Quem sabe rola algo ...

Paulo começou a debater consigo mesmo — ou melhor, com o que achava ser seu próprio pensamento:

¹ Vocalista da banda - Guns N' Roses.

— É... acho que vou lá dar um oi pra Agatha. Quem sabe rola uma amizade, pelo menos. Ela é meio chata, mas gata.

Aqui cabe informar ao leitor que Paulo não fazia ideia de que era médium. Ele ouvia vozes na cabeça e simplesmente achava que eram seus próprios pensamentos. E, até então, estava tudo bem para ele.

Paulo sentou-se ao lado de Agatha e iniciou um papo meio bobo sobre a escola. Ela se animou um pouco, e o mentor de Paulo aproveitou para puxar conversa com a mentora de Agatha:

— E aí, gatinha, tá bonita hoje, hein!

A mentora de Agatha olhou para ele com cara de poucos amigos:

— Tenho que ficar aqui ouvindo as cantadas chatas do Paulo e agora ainda tenho que ouvir as suas? Dá um tempo!

— Calma, gata! Só tô quebrando o gelo! — disse o mentor de Paulo, tentando parecer charmoso.

A mentora de Agatha revirou os olhos:

— Se não me perturbar, já agradeço.

O mentor de Paulo sorriu, pensando consigo mesmo: "Igual à Agatha... Bonita e chata".

Mas a mentora de Agatha, claro, ouviu o pensamento dele e retrucou na mesma hora:

— E você é igual ao seu mentorado, metido!

O mentor de Paulo deu de ombros e se afastou, observando em volta. A maioria das pessoas ali era jovem, adolescentes conversando

animadamente enquanto tomavam seus sorvetes e milk-shakes. Ele percebeu algo em comum entre eles: o desejo sexual pulsante, quase palpável no ar. Era como uma energia vibrante que pairava sobre todos.

O mentor de Paulo também notou muitos espíritos de baixa frequência circulando pelo ambiente. Sabia que Paulo, estando em uma boa frequência espiritual, não teria problemas, mas ficou preocupado com os outros jovens que vivenciavam crises emocionais, raiva, medo ou tristeza. Essas emoções podiam atrair facilmente esses espíritos perdidos.

De repente, ele percebeu algo diferente: um espírito de frequência intermediária, com uma aparência peculiar, entrou no espaço. O mentor de Paulo observou atentamente enquanto o novo espírito foi direto até Paulo. Intrigado, o mentor decidiu agir.

Como os espíritos têm a capacidade de modificar sua aparência (plasmar) conforme desejam (afinal, são feitos de luz e não possuem corpos físicos), o mentor de Paulo mudou sua forma para se parecer um pouco com o recém-chegado. Com sua nova aparência, ele se aproximou do intruso e falou alto, chamando atenção:

— Ei, malandro! O que você quer aqui?

O espírito recém-chegado pareceu confuso:

— Eu? Eu vim obsediar esse menino aqui. Olha só a energia dele para o sexo! Quero essa energia pra mim.

O mentor de Paulo mudou imediatamente seu jeito de falar, adotando um tom mais "durão":

— Se liga aí, parceiro. Esse menino aqui já é meu faz uns dias. Procura outro pra você obsediar.

O obsessor oficial franziu a testa, desconfiado:

— Fala sério! Você? Obsessor?

— Claro! Não tá vendo? — respondeu o mentor de Paulo, fingindo indignação.

— Não... Você tem energia de mentor. Isso sim.

— Deixa de ser mané, seu bundão! Sou obsessor de carteirinha!
— rebateu o mentor, agora completamente entrando no personagem.

O obsessor oficial olhou para o mentor de Paulo, ainda desconfiado:

— Obsessor de carteirinha? Sua frequência tá boa demais pra isso.

— Seu burro, sou um obsessor moderno! Vocês que ficam sugando tudo e deixando a pessoa triste e deprimida. Eu não faço isso. Pego só um pouquinho de energia por dia. Assim, tenho sempre alguém pra obsediar. Vocês são burros! Deixam a pessoa tão triste que ela vai pra igreja, centro de umbanda, candomblé, benzimento, e pronto: vocês perdem tudo.

O obsessor oficial parou para pensar e acabou concordando:

— Verdade... Até que a sua ideia é boa!

O mentor de Paulo continuou explicando, empolgado:

— Exatamente! A ideia é obsediar um pouquinho, sem prejudicar as ações da pessoa. Assim, ela é sua e nem sabe disso. É tipo... marketing de obsessor!

— Tá bom, tá bom, vamos dividir esse moleque aí! — disse o obsessor oficial, cruzando os braços com desdém. — Já que o mentor dele sumiu, deve ter desistido dele.

O mentor de Paulo deu uma gargalhada alta, quase escandalosa:

— Dividir? Esse garoto aqui é meu obsediado e pronto! Vai procurar o seu. Tem tanto por aí, só procurar.

O mentor oficial ficou olhando ao redor, coçando o queixo.

— Não dá... Todos estão com mentores do lado — disse ele, desanimado.

O mentor de Paulo olhou em volta e apontou para uma jovem sentada próxima à janela:

— E aquela polaca ali?

O mentor oficial arregalou os olhos, alarmado:

— Tá doido, homem!

— Por quê? — perguntou o mentor de Paulo, confuso.

— Olha em volta dela! Está vendo aquele brilho vermelho?

— E daí? O que tem isso?

— Ela é filha de Ogum!

— E daí?

— Seu burro! Se eu chegar nela, em menos de uns segundos aparece uma falange de Ogum querendo saber o que eu quero. Se eu disser que quero me aproveitar dela, eles me pegam e me prendem. Se eu falar que alguém me mandou fazer mal para ela, vão querer saber quem foi. E se ela merecer algum castigo, eles mesmos vão bater nela e ainda vão atrás de quem mandou! Filho de Ogum só Ogum que bate, querido. Ali, tô fora!

O mentor de Paulo levantou as mãos em sinal de rendição:

— Entendi... Tá complicado então!

Enquanto isso, Paulo continuava tentando segurar a mão de Agatha, que retirava delicadamente, mas mantinha um sorriso no rosto. Ele pensava consigo mesmo: "Quem sabe hoje eu finalmente consigo não ser mais o BV (boca virgem) da cidade!" Enquanto isso, seu mentor, ainda disfarçado de obsessor, prosseguia com seu plano misterioso, que nem a mentora de Agatha conseguia compreender.

— Sabe — disse o mentor de Paulo ao obsessor oficial —, aprendi muito com esse garoto aqui.

O obsessor oficial olhou para Paulo, todo enrolado tentando conquistar Agatha, e franziu a testa, confuso:

— Com esse mané? Como assim?

— Seu burro, eu aprendo com ele sim! — respondeu o mentor de Paulo, agora mais animado. — Eu o vejo fazendo as coisas dele, passando por dificuldades e como ele resolve. E assim, eu também posso aprender um pouquinho, crescer... Quem sabe um dia eu largo essa vida de obsessor, que é muito chata.

O obsessor oficial olhou para o mentor de Paulo e sorriu sem graça:

— Isso eu concordo com você. Essa coisa de obsediar é chata. Tô nessa há anos e tô cansado, sabe?

— Te entendo, meu amigo. — O mentor de Paulo se aproximou para uma conversa mais íntima. — Eu penso em parar, sabe?

O obsessor oficial olhou para o "novo amigo", surpreso:

— Mas como? A gente só sabe fazer isso: prejudicar os outros. E sabe... Às vezes me sinto mal quando obsedio uma pessoa e ela fica pior do que quando eu cheguei. Parece que só causo dor nas pessoas, e isso me deixa triste.

O mentor de Paulo olhou para o amigo e sorriu, meio sem jeito:

— Eu te entendo, meu amigo. Eu te entendo.

O obsessor oficial abaixou a cabeça, visivelmente triste:

— Já tive uma vida na Terra e me perdi. Fiz mal a várias pessoas, e aqui parece que só estou repetindo os mesmos erros, causando dor para os outros.

— Por isso, meu amigo — disse o mentor de Paulo, colocando a mão no ombro do obsessivo —, é que eu vou à igreja com esse garotinho aqui. Lá, escuto falar de Deus, do amor, e me sinto um pouco abraçado. Por que você não vai à igreja também, irmão? Muda de vida. Obsediar não tem futuro.

O obsessivo oficial hesitou:

— Mas será que Deus vai me perdoar? Vai me aceitar depois de tudo que fiz?

— Deus, meu irmão, não existe como uma pessoa. Existe a energia de Deus, que é o amor incondicional. Vibra na luz do amor.

— Mas como fazer isso?

— Sinta no seu coração amor pelo próximo. Não tenha inveja, medo ou raiva. Estamos desencarnados; não pertencemos a esse mundo. Quando você aceitar alguém do nosso plano, eles vão te buscar, pode ter certeza.

O obsessivo oficial parecia refletir profundamente:

— Entendo... E quero muito poder mudar. Quero rever minha filha, minha família... Há décadas não vejo ninguém.

Então, o mentor de Paulo se aproximou ainda mais do amigo:

— Vamos rezar e pedir para a energia do universo nos iluminar e nos ajudar a crescer enquanto espíritos. Somos faíscas desse amor maior de Deus.

Os dois fecharam os olhos e começaram a rezar. De repente, um portal de luz se abriu. Espíritos luminosos apareceram, estendendo as mãos para o obsessor oficial. Ele olhou para trás, confuso e perguntou:

— Vem, amigo?

O mentor de Paulo sorriu:

— Ainda quero ajudar outros irmãos obsessores a saírem dessa vida.

O obsessor oficial sorriu de volta, e a luz o envolveu completamente, levando-o para as casas astrais para sua recuperação total.

A mentora de Agatha, que observava tudo, bateu palmas:

— Olha, pensei que você era um mané, mas olha só... Acabou ajudando um dos nossos irmãos perdidos. Adorei a sua tática!

O mentor de Paulo sorriu, orgulhoso:

— Obrigado, querida. Bem, que tal a gente sair para conversar sobre a difícil tarefa de ser mentor?

A mentora de Agatha chegou mais perto dele e revirou os olhos:

— Você é ridículo. — Então, ela puxou Agatha pela mão. — Vamos para o banheiro, Agatha.

O mentor de Paulo olhou para Paulo, que estava segurando as mãos de Agatha, e suspirou:

— Desculpe, amigão, mas acho que você voltou pro zero a zero de novo.

Enquanto isso, Paulo fazia planos:

— Agora que segurei na mão dela, vou direto e dou um beijo nela. Não, melhor só segurar a mão e já sentar do lado. Aí eu falo: *"Nothing lasts forever and we both know hearts can change"*.²

Mas antes que ele pudesse agir, o mentor viu Agatha sendo puxada pela mentora. O mentor de Paulo, tentando evitar que o adolescente ficasse totalmente triste, olhou em volta e sentiu outra presença. Era Sabrina.

Ele foi até a mentora de Sabrina:

— Oi, o que aconteceu com a Sabrina para estar aqui? Ela não gosta desses espaços.

A mentora de Sabrina explicou:

— Ela está deprimida e precisa ficar com alguém para esquecer os problemas ou arrumar outro.

O mentor de Paulo sorriu:

— Olha, o Paulo está ali do lado. Ele é meio bobo, mas legal. O que acha de armar para eles?

A mentora de Sabrina achou ótima a ideia:

— Perfeito! Eu sei que o Paulo é meio bobo, mas é um cara legal, e Sabrina gosta quando ele canta músicas do Roberto Carlos.

O mentor de Paulo franziu a testa:

— Roberto Carlos? Que brega...

A mentora de Sabrina deu de ombros:

— Fazer o quê? Ela é um espírito velho e gosta dessas coisas bregas.

² Nada dura para sempre e nós dois sabemos que os corações podem mudar.

O mentor de Paulo balançou a cabeça, resignado:

— Ok, fica aí que vou resolver isso.

Ele correu até Paulo e colocou na cabeça dele que Agatha tinha ido embora e que ele podia dar a volta por cima, já que Sabrina estava ali — "ela é a chinesa mais linda que ele já viu na vida". Então, o mentor sugeriu que Paulo fosse até a jukebox digital e escolhesse uma música do Roberto Carlos.

Paulo se levantou, pensando na música do Guns N' Roses: "Nada dura para sempre e nós dois sabemos que os corações podem mudar." Ele escolheu "É Preciso Saber Viver" e começou a cantar estilo cantor de bolero. Ele chega perto de Sabrina que não entende o seu jeito conquistador barato e inicia a cantar junto com a música.

*"Quem espera que a vida
Seja feita de ilusão
Pode até ficar maluco
Ou morrer na solidão
É preciso ter cuidado
Pra mais tarde não sofrer
É preciso saber viver."*

Sabrina parou de comer seu sorvete, olhou para Paulo cantando aquela música brega e ficou emocionada. Deixou o sorvete de lado e o abraçou forte.

O mentor de Paulo sorriu e disse para a mentora de Sabrina :

— Ufa, obrigado. Você me ajudou.

— Que nada, eu que agradeço.

O mentor de Paulo então continuou:

— E aí, a fim de dar uma volta à noite para falar sobre a difícil tarefa de ser mentor?

— Adoraria.

Paulo e seu mentor pensaram a mesma coisa:

— Acho que vou me dar bem!

O Segredo da Felicidade

Em uma pequena cidade do Brasil, vivia Fagundes, um pai dedicado que fazia de tudo para garantir um futuro promissor ao seu único filho. Ele era cuidadoso e extremamente preocupado com o sucesso do menino. Apesar das dificuldades financeiras, Fagundes fez questão de matriculá-lo na melhor escola particular da região, acreditando que a educação seria a chave para um futuro brilhante.

Desde cedo, Fagundes repetia ao filho a importância de estudar, fazer uma faculdade e “ser alguém na vida”. Ele sonhava alto: queria vê-lo formado em medicina, uma profissão que, segundo ele, traria estabilidade, respeito e muito dinheiro.

— Você vai ser seu próprio patrão, filho! Não vai precisar se submeter a ninguém!, dizia com orgulho e determinação.

O menino, no entanto, escutava calado. Ele não demonstrava entusiasmo nem entendia completamente o peso dos sonhos do pai. Sem poder brincar na rua ou interagir com outras crianças, passava a maior parte do tempo em casa, jogando videogame. Fagundes era categórico:

— Nada de ficar na rua com esses meninos sem futuro!

Para ele, os garotos que passavam o dia jogando bola no campinho do bairro estavam condenados a uma vida de fracasso. “Coitados”, pensava, “meu filho vai mandar em todos eles um dia.”

Fagundes trabalhava no centro da cidade e, diariamente, cruzava uma comunidade carente para economizar tempo no trajeto. Era um atalho que ele detestava, mas não tinha escolha. Sempre que o carro parava no sinal de trânsito – um semáforo de três tempos que

o irritava –, Fagundes aproveitava os 90 segundos de espera para refletir sobre sua vida.

Do carro, seu olhar invariavelmente recaía sobre uma lanchonete na esquina, ao lado de uma oficina mecânica e, logo adiante, um campo de futebol. Era lá que os "sem futuro", como ele os chamava, passavam os dias jogando bola. Ele não conseguia entender como podiam se divertir enquanto negligenciavam o estudo e o trabalho.

Poucas vezes Fagundes notou que, próximo ao campinho, havia uma escola pública. De vez em quando, ele via crianças uniformizadas misturadas aos jogadores, como se a bola fosse uma fuga das salas de aula vazias. Às vezes, parecia que os professores não estavam presentes; outras, era a supervisão que faltava. Essas cenas sempre o faziam pensar, mas não o suficiente para mudar de ideia sobre aqueles meninos. Para ele, sucesso significava estudo, disciplina e um futuro bem planejado. E seu filho, ainda que calado, carregava o peso de um sonho que não era dele.

Um dia Fagundes olhava pela janela do carro com um misto de orgulho e desdém. Ali estava ele, um pai trabalhador e dedicado, levando seu filho para a aula de inglês, enquanto os "sem futuro" gastavam o tempo na rua, sentados na lanchonete ou jogando bola no campinho ao lado da escola pública. Ele se sentia realizado, convencido de que seu esforço garantia ao filho um futuro promissor, diferente daqueles meninos que, na sua visão, estavam condenados à mediocridade.

No entanto, algo começou a inquietar Fagundes. Dia após dia, ao parar no mesmo semáforo, sua atenção recaía sobre um garoto negro, magro e alto, sempre com um sorriso no rosto. O menino parecia ter a mesma idade do seu filho e era impossível ignorar sua expressão de felicidade. Durante o dia, Fagundes o via na oficina,

provavelmente ajudando o pai. À noite, lá estava ele de bicicleta, entregando pedidos ou servindo os clientes da lanchonete.

"Quando esse garoto estuda?", Fagundes pensava intrigado. "Ainda bem que o meu filho estuda e está na melhor escola da cidade."

Quanto mais o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) se aproximava, mais nervoso o filho de Fagundes ficava. Preocupado, o pai fazia de tudo para acalmá-lo.

— Você vai passar, filho. Medicina é o melhor para o seu futuro e para nossa família. Confie em mim.

Mas, numa noite, o filho desabafou:

— Pai, eu não sei se quero fazer medicina. É muito difícil, e eu nem sei se gosto disso.

Fagundes tentou contornar:

— Difícil? Filho, com a escola que você tem e tudo o que eu te dou, vai ser moleza! E outra: pense na sua vida lá na frente. Medicina é sucesso garantido!

Sem graça, o menino sorriu e saiu. O pai, ainda convencido, murmurou para si mesmo:

— Eu tenho pena daqueles moleques que jogam bola o dia todo. Coitados, nem devem saber o que é o Enem.

Na manhã seguinte, pai e filho estavam novamente no semáforo. O quebra-molas antes do cruzamento e os longos 1m20s de espera irritavam Fagundes. Enquanto resmungava, uma bola bateu em seu carro. Ele franziu a testa, mas antes que pudesse dizer algo, o garoto negro se aproximou, pediu desculpas e pegou a bola com um sorriso despreocupado, voltando ao jogo.

Do banco do passageiro, o filho observou o menino e, surpreendentemente, sorriu. Para Fagundes, aquilo foi desconcertante. Antes de o sinal abrir, o garoto negro chamou seu filho para jogar bola. O menino quase se levantou, mas foi detido pelo olhar duro do

pai pelo retrovisor. O semáforo abriu, e Fagundes acelerou o carro, escapando daquele cenário que tanto desprezava.

Enquanto dirigia, o filho, meio tímido, comentou:

— Pai, já pensou se em outra vida eu e esse garoto fôssemos amigos?

Fagundes olhou para ele com uma mistura de incredulidade e irritação.

— Que outra vida é essa? Isso não existe!

— Mas algumas religiões acreditam nisso, pai. A Igreja Católica não é a única.

— Filho, o que você anda lendo, hein? Jesus disse que vamos morrer e esperar Ele voltar no mesmo corpo. E pronto.

— Será, pai? Biologicamente, isso é impossível...

— Biologicamente, você devia estar estudando para o Enem! Vamos encerrar essa conversa por aqui.

O silêncio tomou conta do carro. O pai voltou a se concentrar no trânsito, enquanto o filho afundava nos próprios pensamentos, frustrado e confuso.

O tempo passou. A lua voltou a se opor ao sol no ciclo interminável da natureza, mas para Fagundes, tudo convergia para um único dia: o Enem. Ele estava mais nervoso que o próprio filho. O peso dos sonhos que ele carregava não era apenas dele, mas de gerações inteiras de luta e sacrifício.

Fagundes e os Garotos do Sinal

Fagundes decidiu sair de casa mais cedo do que o habitual para garantir que seu filho não perdesse a prova do Enem. Na pressa, tentou avançar no sinal amarelo, mas um ônibus à sua frente parou, obrigando-o a esperar. Ele parou o carro ao lado de uma lanchonete

que ficava entre uma oficina mecânica e a escola estadual de um bairro periférico, lugar que ele evitava passar sempre que podia.

Enquanto esperava o sinal de três tempos, Fagundes notou um grupo de jovens caminhando despreocupados em direção ao centro da cidade, provavelmente também a caminho da prova. Entre eles, o garoto negro de sempre chamava sua atenção: ele ria e brincava com os amigos de forma tão leve que incomodava Fagundes. Por um instante, cogitou oferecer uma carona, mas hesitou. Afinal, eram concorrentes do seu filho. De certa forma, achou até justo que eles continuassem a pé, gastando energia e tempo em vez de se concentrarem no exame.

Chegando à escola, Fagundes deixou o filho com meia hora de antecedência, certo de que esse tempo extra ajudaria o garoto a se acalmar. Ficou parado olhando a escola e os jovens entrando. Depois entrou no carro e, de lá, viu os mesmos jovens do grupo chegando. Conferiu o relógio: faltavam dez minutos para o início da prova. Eles, porém, não pareciam apressados. Riam, brincavam e, para a surpresa de Fagundes, ainda pararam para tirar uma selfie em frente à escola.

Observando de longe, Fagundes se dividia entre a torcida para que não chegassem a tempo e a curiosidade sobre aquele comportamento despreocupado. "Será que eles realmente levam isso a sério?", pensou. Ao mesmo tempo, imaginava seu filho já dentro da sala, nervoso, com os olhos fixos em resumos e anotações, tentando absorver mais um pouco de conteúdo. Será que isso era bom?

Quando faltavam dois minutos para o início, os jovens finalmente entraram na escola. O garoto negro, com um sorriso confiante, parecia em nada preocupado com a prova. Fagundes sentiu um arrepio estranho ao observar a cena, mesmo sob o calor crescente da manhã. Pensou no esforço que fazia para garantir o futuro do filho, nas aulas extras, no curso de inglês, nos livros comprados. "Esses meninos provavelmente nem tiveram metade

disso", murmurou consigo mesmo, enquanto o olhar seguia o garoto até ele desaparecer pela porta da sala.

Fagundes deu partida no carro e foi embora, incomodado por razões que não conseguia explicar.

O Dia do Resultado

O dia em que saíram as notas do Enem foi ainda mais tenso para Fagundes do que para o próprio filho. Ambos sentaram-se diante do computador, e Fagundes, com um sorriso esperançoso, ajudou a acessar o sistema. Mas a expressão otimista logo se desfez quando viu a nota: 760. Embora fosse um bom resultado, não alcançava os 800 que Fagundes considerava o mínimo para garantir a entrada em uma faculdade pública de medicina.

O pai engoliu a frustração, esboçou um sorriso amarelo e disse:
— Tudo bem, meu filho.

Mas o tom de sua voz não convenceu o garoto, que, cabisbaixo, sentiu-se um fracassado.

Fagundes sabia que a outra alternativa seria pagar uma universidade particular, mas isso estava fora de questão: o curso de medicina era caro demais. Com um beijo no filho e palavras encorajadoras, ele saiu para o trabalho, mas levou consigo um peso no coração.

Durante o trajeto, Fagundes não conseguia tirar da cabeça a imagem do garoto negro. Será que ele foi bem? Será que aquele sorriso despreocupado era apenas uma máscara, ou talvez um reflexo de algo que Fagundes não entendia? Pela primeira vez, ele se questionou se felicidade e desempenho precisavam estar tão separados.

A lição de Fagundes não veio com palavras, mas com o silêncio que o acompanhou. Talvez, pensou ele, a vida não fosse apenas sobre atingir metas, mas sobre aprender a sorrir ao longo do caminho.

Dentro do carro, Fagundes se deparou com o destino, que parecia gostar de brincar com ele. Mais uma vez, parou no sinal e ficou ali, imóvel, por um minuto e trinta segundos. Seus olhos vagaram pela cantina e pela oficina ao lado, até que algo chamou sua atenção: uma faixa de parabéns adornava a lanchonete, que parecia estar em clima de festa. A curiosidade venceu a rotina, e Fagundes fez o impensável — estacionou o carro e decidiu entrar.

Ao descer do veículo, viu vários jovens rindo e conversando alegremente. Entrou na lanchonete e escolheu um canto discreto. Pediu um café. O mesmo menino negro que havia visto dias antes, no caminho da prova, o atendeu com um sorriso largo. Fagundes observava tudo, tentando entender o motivo da celebração.

Um senhor negro, vestindo um macacão de mecânico, estava sentado próximo a ele. Pelo semblante humilde e pela postura, Fagundes deduziu que era o pai do garoto e provavelmente o dono da oficina. Notou a simplicidade do homem, que parecia não ter todos os dentes, mas carregava nos olhos uma alegria sincera e contagiante.

Fingindo um sorriso, Fagundes se dirigiu ao homem:

— O que estamos comemorando?

O senhor virou-se com entusiasmo e respondeu, sem esconder o orgulho na voz:

— Meu filho passou pra Medicina! Mais um negro numa faculdade de Medicina! Algo que nossos ancestrais nem podiam sonhar. E agora, meu menino vai ser doutor!

O veneno da inveja percorreu o corpo de Fagundes, amargando-o por dentro. Com um sorriso forçado, ele respondeu:

— Que legal, parabéns.

Por trás das palavras, sua mente fervia. “Como assim aquele menino vai fazer Medicina? O curso mais difícil e disputado? Como pode? Meu filho, com toda a estrutura de escola particular, não conseguiu...”

A curiosidade pulsava ainda mais forte. “O que havia naquele garoto? Como alguém que passava o dia na oficina, ajudava a mãe à noite e jogava bola com os amigos conseguiu esse feito?” Tentando disfarçar, Fagundes arriscou mais uma pergunta:

— Não quero tirar o brilho desse momento, mas cuidado, viu? As notas e as listas ainda podem mudar até o último dia.

A frase saiu escorrendo inveja. Mas o pai, alheio à intenção por trás das palavras, respondeu com serenidade:

— Isso é verdade, moço. Mas no caso do meu filho, ele tirou 830 pontos no Enem. É o primeiro na lista das cotas e o 13º na lista geral.

O mecânico continuou, com uma expressão de gratidão:

— É graças às cotas das universidades públicas que meu menino vai conseguir e sem as cotas ele entra também. Dessas 50 vagas, cinco são para alunos negros e de escolas públicas. E, com 830 pontos, ele está no topo. O segundo colocado tem 747 pontos. Hoje é o último dia, e estamos aqui esperando a comemoração, estamos de plantão!

Ele levantou-se, apertando a mão de Fagundes com firmeza.

— Vou voltar ao trabalho. Que Deus abençoe você, amigo. Se cuide.

Fagundes ficou ali, imóvel, vendo o homem voltar para a oficina. Sentiu uma mistura de vergonha e desconforto. “O que estou fazendo? Por que essa inveja? Deveria estar feliz por esse menino, que vai transformar sua vida e a da família”.

Seus olhos voltaram para o garoto e seus amigos, que continuavam rindo e conversando com entusiasmo. Ele notou que

todos pareciam estar celebrando suas próprias conquistas. “Talvez todos eles tenham passado...”

Fagundes refletiu. Não era justo alimentar ressentimentos. O menino tinha tirado uma nota muito superior à do seu filho. Não havia tomado a vaga de ninguém; ele havia conquistado o próprio lugar. A ficha caiu, e Fagundes percebeu que ali, naquele momento, o garoto não estava apenas mudando seu futuro, mas também o de sua família e de todos que acreditavam que era possível sonhar e vencer.

Fagundes pagou o café e saiu da lanchonete, ainda com a imagem dos jovens sorridentes na cabeça. Enquanto dirigia para sua empresa, sua mente fervilhava com reflexões. Não conseguia evitar a comparação: “como todos os pais ao seu redor comemoravam as aprovações dos filhos em universidades públicas, enquanto o seu filho, com todas as vantagens de uma escola particular, não havia alcançado o mesmo feito?” No início, ele fora um crítico ferrenho das cotas. Com o tempo, adaptou sua opinião, mas agora sua indignação era outra: “onde havia errado? Seu filho tivera todas as oportunidades — aulas de inglês, robótica, reforço escolar — e mesmo assim parecia faltar algo. O que seria?”

Ao sair do trabalho, a curiosidade o levou de volta à lanchonete. Desta vez, o sinal de três tempos que antes o irritava se tornou um aliado, oferecendo-lhe um momento para refletir sobre a vida.

Ao entrar novamente, encontrou o garoto que havia passado em medicina. Ele não estava celebrando sem exageros, mas ajudando a mãe no balcão, sempre com um sorriso no rosto. Fagundes observou o ambiente com mais atenção. Em uma parte da lanchonete existia um pequeno mural de fotos da família, viu imagens do garoto desde a infância, sempre acompanhado pelos pais. Era evidente o carinho e a união que a família vivia. Entre as fotos, uma chamou sua atenção: uma manchete antiga sobre a independência

baiana. Ele se aproximou para ler e, de repente, sentiu a presença do garoto ao seu lado.

— Meu avô me contou que nossos ancestrais lutaram nessa guerra, ajudando a conquistar a independência do Brasil — disse o menino com orgulho.

Fagundes sorriu, surpreendido.

— É verdade, às vezes esquecemos que o Brasil é grande e que muitas mãos ajudaram a construir este país.

— Muita gente esquece o papel dos negros na nossa história — respondeu o menino.

O comentário fez Fagundes refletir. Em seguida, perguntou:

— Seu pai me disse que você passou para medicina. Parabéns! Mas, me diga, como conseguiu isso estudando em escola pública?

O menino sorriu, pegou o celular e mostrou algo na tela.

— Usei inteligência artificial.

Fagundes arregalou os olhos.

— Inteligência artificial?

— Sim. Eu fazia perguntas e ela respondia, corrigia minhas redações, explicava os erros. Também criava podcasts com temas do Enem, narrava pra mim, e eu escutava enquanto trabalhava ou entregava as encomendas da loja de bicicleta.

Fagundes riu, surpreso.

— Você foi muito esperto! Parabéns, garoto.

Ele percebeu no olhar do menino uma determinação rara, uma paixão pela vida e pelos desafios que parecia faltar ao seu próprio filho. Ao se despedir, viu o garoto continuar servindo os clientes com o mesmo entusiasmo. Antes de sair, cumprimentou o pai mecânico, que também ajudava na lanchonete.

Quando chegou em casa, encontrou o filho no quarto, jogando online. Estava sozinho, sem nenhum amigo do condomínio à sua volta. A cena o atingiu de forma diferente daquela vez. Ele percebeu que o que sobrava ao menino negro — conexões humanas, amigos, e uma vida social equilibrada — faltava ao seu próprio filho.

Fagundes então pegou uma bola guardada no quarto ao lado, foi até a porta do filho e bateu. Quando o garoto abriu e viu a bola, sorriu. Um sorriso verdadeiro, há muito desaparecido. Largou o videogame e saiu correndo para jogar bola com o pai.

Foi um momento único. Enquanto brincavam, Fagundes viu no rosto do filho algo que não via há tempos: felicidade. Quando o jogo terminou, ele o abraçou e disse:

— Desculpa, filho. Eu só quero que você seja feliz. Você pode escolher o curso que quiser.

O garoto, com os olhos brilhando, respondeu:

— Quero ser professor, pai.

Surpreso, mas orgulhoso, Fagundes sorriu.

— Se é isso que o seu coração deseja, vá em frente.

O menino saiu correndo para fazer a inscrição. Fagundes, sentado na grama, começou a chorar. Não de tristeza, mas de alívio. Percebeu, finalmente, que durante anos havia limitado a criatividade e os sonhos do filho com suas próprias expectativas. Agora, havia dado a ele a liberdade de ser quem realmente nasceu para ser.

Os Laços Espirituais de Maria

Maria cresceu em um ambiente humilde na periferia. Sua mãe, Dona Tereza, era uma mulher rígida e religiosa, que dedicava seus dias à igreja evangélica local. Maria, por outro lado, sempre sentiu uma curiosidade diferente sobre a vida, uma inquietação espiritual que a fazia questionar o mundo ao seu redor. Desde pequena, Maria tinha uma relação conflituosa com Dona Tereza. A mãe era severa e zelosa, sempre tentando proteger Maria das tentações do mundo.

Maria trabalhava como caixa em um mercado e vivia na periferia com sua filha Eduarda. A vida nunca foi fácil para ela. Um dos episódios mais marcantes da juventude de Maria aconteceu quando ela tinha 17 anos. Era uma noite de sábado e a comunidade estava agitada com um grande baile que aconteceria na quadra próxima. As amigas de Maria, Ana e Cláudia, estavam empolgadas e insistiram para que ela fosse com elas. Maria sabia que seria impossível convencer Dona Tereza a deixá-la ir. Mesmo assim, tomou coragem e perguntou à mãe.

— Mãe, por favor, deixa eu ir ao baile hoje? — pediu Maria com um misto de esperança e medo no olhar.

Dona Tereza, que estava costurando na sala, olhou severamente para a filha.

— Nem pensar, Maria. Baile é lugar de perdição. Você não vai, e ponto final.

Maria sentiu um nó na garganta. Queria tanto ir, queria sentir a liberdade e a alegria que suas amigas tanto falavam. Quando tentou argumentar novamente, Dona Tereza levantou a voz.

— Não insista, Maria! Enquanto você viver debaixo do meu teto, vai seguir minhas regras. Eu só quero o seu bem.

As palavras da mãe foram como um golpe. Maria sabia que discutir era inútil, então, apenas virou as costas e foi para o quarto, segurando as lágrimas. Aquela noite, ficou em casa ouvindo os ecos distantes da música do baile, enquanto suas amigas se divertiam.

Alguns meses depois, Maria descobriu que tanto Ana quanto Cláudia estavam grávidas. Foi um choque para ela. Pensou em como sua vida poderia ter sido diferente se tivesse ido ao baile. Talvez ela também tivesse engravidado. Esse pensamento a assustou, mas também a fez refletir sobre os caminhos que a vida poderia tomar. E a fez ficar mais perto da religião da mãe.

Determinada a mudar sua vida, Maria focou nos estudos, mas as dificuldades eram muitas. Negra e pobre, não tinha as ações afirmativas que hoje existem, e acabou deixando a escola no segundo ano para ajudar em casa quando sua mãe começou a ficar doente.

As noites de Maria eram solitárias. Após o trabalho, voltava para casa exausta, mas encontrava consolo em leituras espirituais que fazia às escondidas. Sentia-se conectada à avó, cujos livros e ensinamentos ainda estavam guardados em um baú esquecido. Enquanto sua mãe dormia, Maria lia sobre espiritismo e sentia que havia algo maior para ela, algo que ainda não compreendia completamente. Dona Tereza, por outro lado, nunca soube dessas leituras. Sua relação com Maria era marcada por um amor duro, uma proteção excessiva que Maria só entenderia mais tarde. As discussões continuavam frequentes, e a casa, apesar de pequena, parecia grande demais para conter tanto ressentimento e silêncio.

Foi nessa época que conheceu Sérgio, um rapaz simples, ajudante de pedreiro que estava fazendo umas casas ali perto. Ele, de alguma forma, despertava algo especial nela. Um dia, ao devolver o troco para Sérgio, Maria tocou na pele dele e neste momento ela sentiu um toque diferente, uma sensação que a fez acreditar que eles

havam combinado, antes de nascer, de viverem essa vida juntos. Esse pensamento vinha de leituras espirituais que fazia às escondidas, já que sua avó era espírita e a incentivava, mas sua mãe era evangélica e desaprovava.

Depois daquele toque, Maria não conseguia parar de pensar em Sérgio. Era como se uma energia invisível a puxasse em direção a ele. Começou a lembrar das leituras espirituais que fazia às escondidas, especialmente sobre a ideia de almas que se encontram em diferentes vidas para aprenderem e evoluírem juntas. Até então, Maria tinha dúvidas sobre esses conceitos. Embora fascinada, ela não acreditava completamente. Mas agora, após aquele toque, começou a questionar se realmente havia marcado um encontro com um espírito para viver e experimentar juntos na Terra.

A partir desse momento, Maria e Sérgio começaram a se aproximar. Seus encontros eram discretos, mas cheios de significado. Sérgio parecia entender Maria de uma maneira que ninguém mais entendia. Ele respeitava suas dúvidas e inseguranças, sempre com um sorriso gentil e palavras de apoio. Aos poucos, Maria começou a baixar a guarda e a permitir que Sérgio entrasse em sua vida.

O tempo fluía implacável, indiferente às inquietações humanas, enquanto o universo dançava em sua rotina cósmica, numa solidariedade eterna que escapava à compreensão. Assim, Maria e Sérgio se casaram e, dois anos depois, nasceu Eduarda.

O nascimento de Eduarda trouxe uma nova luz à vida de Maria e Sérgio. A pequena era esperta, cheia de vida e amada por todos. Maria fazia tudo pela filha, dedicando-se completamente a ela. Desde o primeiro choro até os primeiros passos, Eduarda era o centro do mundo de Maria. Nos primeiros anos, Eduarda era um verdadeiro xodó. Seus sorrisos e travessuras alegravam a casa, e Maria sentia uma conexão profunda com a filha. No entanto, conforme Eduarda foi

crescendo, Maria começou a notar mudanças na personalidade da menina. A partir dos sete anos, a relação entre mãe e filha começou a se tornar mais distante. Maria ouvia de conhecidos que, aos sete anos, as crianças já mostram seu temperamento, e que antes disso, elas já vão apresentando um pouco de sua personalidade. Essa explicação a intrigava, mas não a preparava para os desafios que estavam por vir.

Maria começou a notar traços diferentes na filha. Pequenas coisas, quase imperceptíveis, que a faziam lembrar de uma figura do passado: sua avó Sebastiana, mais conhecida como Ana.

Ana havia sido uma mulher forte, uma guerreira que criou os filhos sozinha depois de ser abandonada pelo marido. Umbandista convicta, ela sempre parecia conversar com o invisível, perdida em diálogos silenciosos que a família nunca compreendeu. Morreu já idosa, considerada excêntrica — ou, para alguns, “maluca” —, o que alimentou o medo e o preconceito da família. Tereza, filha de Ana e mãe de Maria, cresceu rejeitando tudo que a mãe representava. Tornou-se evangélica, buscando segurança na fé e afastamento das “estranhezas” de Ana. Quando Maria nasceu, Tereza fez questão de batizá-la na igreja, para proteger a filha do que via como desvios espirituais.

Agora, vendo a filha Eduarda, Maria sentia um calafrio. A menina não apenas parecia fisicamente com Ana, mas também tinha o mesmo olhar distante, o mesmo jeito de encarar o vazio, como se ouvisse algo além deste mundo. Era como se Ana tivesse retornado, mas através de Eduarda. Com cabelos compridos e negros e a pele entre o preto e o branco, Eduarda tinha uma beleza diferente puxando os traços da avó mestiça de um quilombola entre negros e índios.

A preocupação de Maria crescia a cada dia. Ela lembrava das histórias que a mãe contava sobre Ana, sempre com um tom de aviso.

Não queria que a filha seguisse o mesmo caminho. Não queria que fosse rotulada, isolada. Mas, ao mesmo tempo, não conseguia ignorar o magnetismo espiritual de Eduarda. Era inevitável: o espírito indomável de Ana parecia viver na menina Eduarda. E, por mais que Tereza temesse isso, Maria começava a se perguntar se aquela herança espiritual poderia, de alguma forma, ser um presente, e não uma maldição.

Quando Eduarda completou 14 anos, a relação com Maria tornou-se cada vez mais difícil. As discussões eram constantes. Eduarda, questionadora e curiosa, desafiava as crenças da mãe, trazendo novos pontos de vista que abalavam o que Maria sempre considerou inquestionável.

A tensão atingiu seu ápice em uma noite, durante uma conversa aparentemente simples.

— Jesus é o Rei dos Reis — afirmou Maria com convicção.

Eduarda, com o olhar firme e a voz calma, respondeu:

— No Ocidente, né, mãe? A gente reza para um Deus judeu, mas, em outras partes do mundo, há outros ícones espirituais, como Buda.

Maria sentiu o chão tremer sob seus pés. Aquelas palavras, sobre seu maior símbolo de fé, pareceram um sacrilégio. Por um instante, a raiva subiu como uma onda. A mãe quase levantou-se para dar um tapa no rosto da filha. Mas, antes que o impulso tomasse forma, algo dentro dela mudou.

Ela olhou para Eduarda. Viu não apenas uma adolescente desafiadora, mas uma filha buscando respostas, tentando entender o mundo à sua maneira. Respirou fundo, deixando o amor falar mais alto. Com os olhos marejados, aproximou-se e a envolveu em um abraço apertado.

— Filha, eu discordo de tudo o que você falou... — disse Maria, com a voz embargada. — Mas eu te amo do seu jeito.

Eduarda, surpresa, retribuiu o abraço. Ali, naquele momento, o silêncio não era desconforto, mas uma troca profunda de sentimentos. O calor dos corpos se fundiu à energia do amor, criando um espaço seguro onde as diferenças não eram barreiras, mas pontes. Ficaram assim, unidas, permitindo que o amor transcendesse qualquer divergência.

No dia seguinte após o culto, Maria sentia o coração aquecido pelas palavras de esperança. Enquanto organizava seus pertences, uma amiga se aproximou, visivelmente desconfortável.

— Sabe, Maria... — disse, hesitante. — Esses dias vi sua filha saindo de um lugar que... bem, que Jesus nunca entraria.

Maria franziu a testa, perplexa.

— Que lugar seria esse? — perguntou, aflita.

A amiga, no entanto, apenas balançou a cabeça e suspirou.

— É um lugar tão... degradante que nem merece ser mencionado. — E saiu apressada, deixando no ar uma sensação amarga, com o veneno da inveja pingando pelo chão.

O coração de Maria acelerou. Sentia o mundo desabar. **Eduarda, sua menina**, criada com tanto amor e dedicação, estaria frequentando um ambiente assim? Logo veio a suspeita: um baile funk. Os rumores sobre esses lugares eram sempre os mesmos — jovens descontrolados, hormônios à flor da pele, irresponsabilidades que só faziam crescer a população do bairro. Maria não podia deixar isso acontecer. Não podia deixar Sérgio descobrir, temendo a severidade do marido. Precisava agir sozinha.

Naquela noite, tomou coragem e foi ao baile funk. Ao entrar, sentiu os olhares zombeteiros dos jovens. Sussurros e risos ecoavam enquanto caminhava pelo espaço, claramente deslocada. Era a “tia” ali, e isso a fazia sentir-se ainda mais vulnerável. Mas Eduarda não estava lá.

Ao sair, dobrando a esquina, Maria parou, chocada. **Lá estava Eduarda**, saindo de um centro de umbanda, ajeitando a roupa com

calma. A luz suave dos postes iluminava o rosto sereno da filha, e Maria viu nela a imagem de sua avó, Ana. A semelhança era inegável. O choque veio como um soco no estômago. **Umbanda?** A mesma religião que sua mãe, Tereza, tanto repudiava? A mesma fé que Ana, sua avó, seguira com tanta devoção? Maria sentiu uma mistura de medo, vergonha e, acima de tudo, confusão. **O que diria às amigas da igreja?** Como enfrentaria o olhar julgador de Tereza?

Enquanto essas perguntas ecoavam em sua mente, Eduarda saiu para casa e Maria ali parada tentava entender o que o destino queria falar com ela, mas Maria sabia que era hora de enfrentar uma realidade que sempre tentou evitar.

Na semana seguinte, Maria decidiu seguir Eduarda. Quando a filha saiu à noite dizendo que ia “encontrar as amigas”, Maria esperou por cerca de meia hora antes de sair de casa. O coração batia acelerado enquanto caminhava até o centro de umbanda. Queria respostas. Queria entender.

Entrou discretamente, tentando não chamar atenção. O ambiente estava iluminado por velas, e o cheiro de ervas e incensos preenchia o ar. Logo, seus olhos encontraram **Eduarda no centro do salão**, dançando e cantando. A filha parecia leve, quase flutuando, incorporada por uma cabocla. Maria sentiu a vergonha corroer seu peito, imaginando o julgamento das amigas evangélicas e da própria mãe. **Tereza nunca aceitaria aquilo.** Mas, enquanto os pensamentos de medo a consumiam, algo inesperado aconteceu.

Eduarda estendeu a mão. Os olhos da filha estavam serenos, mas intensos, como se soubessem exatamente o que Maria precisava. **Sem entender o motivo**, Maria segurou aquela mão. Foi conduzida, hesitante, para o centro do espaço religioso. O som dos tambores crescia, reverberando em seu corpo, enquanto uma melodia ancestral preenchia o ambiente:

**Caboclo não tem caminho para caminhar,
Caboclo não tem caminho para caminhar,
Caminha por cima das folhas,**

**Por baixo das folhas,
Por todo lugar.**

A energia pulsava. **Maria sentiu-se tomada por algo novo**, uma força suave e, ao mesmo tempo, poderosa. Não havia medo, apenas uma sensação de pertencimento, como se finalmente estivesse no lugar certo. **Os tambores ecoavam no peito**, e, antes que pudesse entender o que acontecia, tudo escureceu.

Quando abriu os olhos, estava sentada. **Rostos preocupados a cercavam, alguém lhe oferecia água**. Ainda atordoada, ouviu a voz firme e acolhedora da cabocla incorporada em Eduarda:

— Essa menina faz parte da sua egrégora. Ela vai resgatar muitas coisas da sua família, Maria. Uma delas é o orgulho de ser negra e espiritualista.

As palavras penetraram fundo, como um bálsamo. Maria sentiu lágrimas escorrerem sem controle. Levantou-se devagar e abraçou a filha com força, como se tentasse recuperar todo o tempo perdido. **Era um abraço cheio de energia, amor e, acima de tudo, reconciliação**.

No íntimo, Maria sabia que algo havia mudado. **Percebeu que sua fé na religião evangélica não vinha da alma, mas do medo**: medo do inferno, do diabo, de uma punição eterna. Ali, naquele momento, sentia algo diferente: **paz**. Paz por aceitar que a espiritualidade tinha muitas formas, muitos caminhos. E que, talvez, o caminho de Eduarda fosse, também, o seu.

Ainda abraçada à filha, Maria finalmente entendeu: não era uma questão de escolha entre religiões, mas de reencontro com quem ela realmente era.

No dia seguinte, Maria e Eduarda caminhavam lado a lado, com sorrisos leves e cumplicidade no olhar. O ar parecia mais leve, como se algo dentro de Maria finalmente tivesse se libertado. No entanto, ao avistar suas amigas evangélicas se aproximando, sentiu o peso

antigo da insegurança e baixou a cabeça, hesitante. Antes que pudesse fugir, uma das amigas, com um tom doce e afetuoso, exclamou:

— Bom terreiro de umbanda para você, amiga Maria!

A surpresa tomou conta de Maria. Não havia sarcasmo ou julgamento, apenas acolhimento sincero. Um calor suave preencheu seu peito. Ela ergueu a cabeça, agora com uma nova confiança, e respondeu:

— Bom culto, amigas!

As mulheres trocaram olhares cúmplices e seguiram seus caminhos, cada uma em sua fé, mas unidas pelo respeito. Maria compreendeu, naquele instante, que Deus não se restringe a templos ou rituais. Ele vive nas ações, no amor e na aceitação.

No centro de umbanda naquela noite, enquanto Eduarda incorporava a cabocla e aconselhava os presentes, Maria observava tudo com olhos atentos e coração aberto. De repente, o mundo ao seu redor ficou enevoado, como se o tempo tivesse suspenso sua marcha. No centro do salão, uma figura surgiu: **Ana, sua bisavó**, dançando com leveza e um sorriso sereno nos lábios.

Ana se aproximou, irradiando uma luz acolhedora, e tocou o rosto de Maria.

— Minha netinha querida, — disse Ana com ternura — as crianças não são anjos puros; são espíritos em aprendizado, e nós, seus guias. Cada alma traz uma jornada única. Vocês querem explicações lógicas para tudo, mas o amor, minha filha, não é para ser entendido pela cabeça, mas sentido pelo coração.

As palavras ressoaram profundamente em Maria, que, emocionada, ouviu a mensagem final:

— Viva e aprenda com Eduarda. Ela vai precisar de você. Seja verdadeira consigo mesma, e encontrará forças para apoiá-la.

Com um último sorriso, Ana voltou a dançar, desaparecendo suavemente no ritmo dos tambores. O transe se dissipou, mas não o impacto daquela conversa. Maria enxugou uma lágrima que deslizava silenciosamente pelo rosto.

Sentindo-se renovada, ela começou a cantar um ponto, sua voz entrelaçando-se com o som dos tambores:

— **Caboclo não tem caminho para caminhar,
Caminha por cima das folhas, por baixo das folhas, por
todo lugar...**

Maria compreendeu, enfim, que o passado e o futuro são como um círculo, onde não há um fim definitivo, mas contínuos recomeços. A luta de Ana não foi em vão, e Eduarda seria o elo que resgataria essa força ancestral. A cabocla que estava incorporada em sua filha olhou para Maria e, com um sorriso profundo, confirmou o que Maria já sabia: **era hora de viver plenamente, não apenas existir.**

Maria agradeceu em silêncio aos seus antepassados. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se inteira. Com o coração leve e uma fé renovada, sabia que sua missão agora era caminhar ao lado da filha, não como uma guia rígida, mas como uma companheira aberta ao aprendizado e ao amor.

O trabalho de Dona Jura!

Nossa personagem não é diferente da maioria esmagadora dos brasileiros, que não acordam de manhã, mas madrugam — o corpo pedindo mais tempo na cama, enquanto a vida terrena insiste em apresentar mais um boleto. Jura desenvolveu um hábito quase ritualístico: levantar antes mesmo que o despertador tenha a chance de assustar os outros moradores da casa. Ela acorda em silêncio, como se já tivesse cancelado o alarme antes que ele tocasse. Olha para o marido deitado ao seu lado, sorri por um breve momento e sai do quarto sem fazer barulho, deixando-o entregue ao sono que ainda resiste.

Na cozinha, ela se move com precisão. Prepara o café, organiza a marmitta do marido e deixa tudo pronto. Sabe que suas vidas são regidas pelo relógio, muito mais do que pelo giro da Terra ao redor do Sol. Quando o café está pronto, ela olha para o relógio e murmura consigo mesma, num tom de brincadeira amarga: "O galo do vizinho não cantou hoje. Deve ter virado canja, já que são cinco e meia e já está na hora do marido acordar."

Jura faz uma pausa, respira fundo. Em apenas vinte minutos, conseguiu aprontar tudo. Pela janela da cozinha, observa o céu começando a clarear, o Sol lutando para romper a linha do horizonte. Corre até o quintal e estende as roupas no varal, aproveitando o dia ensolarado que promete aquecer a cidade.

Às 5h30, o marido finalmente se senta à mesa para tomar café. Às 5h55, ele já está de pé, calçando os sapatos desgastados. Precisa pegar o ônibus das seis, senão chegará atrasado ao trabalho — e o patrão não tolera atrasos. Antes de sair, ele dá um tapinha leve nas nádegas dela, tentando relembrar um passado que ainda ecoa no presente. Ela responde com um beijo automático, quase mecânico, sem muita ternura. Ele sai, e ela acompanha sua partida pela janela,

vendo-o sumir entre a multidão que caminha rumo ao ponto de ônibus.

São vários Joões, Silvas, Josés, Carlos, Pedros... são pretos retintos, mulatos, brancos. O colorismo da periferia brasileira se revela ali: homens e mulheres que saem de casa todos os dias, lutando para sustentar seus lares como podem.

Ela olha para o relógio: 5h57. Ainda tem alguns minutos antes de as crianças acordarem. Decide aproveitar para lavar roupa. Leva as peças até o tanque, separando as brancas das coloridas. Observa o vento; é fraco, parece que não vai chover hoje. Tem que aproveitar o sol. Não tem muita roupa, mas o sabão está acabando. Usa água com parcimônia, como quem administra os recursos escassos de uma década difícil. É a década de 90, marcada por incertezas. Parece que o Brasil não anda, que está parado no tempo. Todo mundo fala de um Brasil idealizado, um Brasil que não se enxerga na realidade. Quando isso vai mudar? Pensa ela, enquanto esfrega as roupas com as mãos calejadas.

Às 6h30, organiza alguma coisa para o café das crianças. Não tem pão. O pão está caro. Mais uma vez, ela se pergunta: será que as coisas vão melhorar algum dia?

Ela olha o relógio: já são 8h. Está na hora de acordar as crianças. Mal teve tempo de organizar o café delas e colocar a roupa no varal, mas agora precisa correr. Respira fundo, tentando manter a calma, e já começa a pensar no almoço das crianças. Um dos filhos tem 10 anos e precisa de ajuda com os estudos; ele está naquela fase em que a escola exige mais atenção. A outra filha, de 6 anos, ainda precisa de cuidados especiais e brincadeiras, pois o lúdico é essencial nessa idade. Jura sabe disso, mas também sabe que o tempo é curto.

Organiza os filhos, dá café para eles. O menino quer brincar de bicicleta no quintal, enquanto a menina pede para brincar de bonecas

com a vizinha. Ela aproveita o momento para retirar as roupas que já secaram no varal. Encontra a vizinha, troca algumas palavras, reclama da vida e dos maridos, estende as peças que ainda estão úmidas. O sol está forte e parece que vai continuar assim pelo resto do dia.

Jura organiza o uniforme das crianças e olha novamente para o relógio: já são 9h30. É hora de sentar com as crianças para estudar. Primeiro, dedica-se à filha, ajudando-a com as tarefas simples, cheias de desenhos e letras grandes. Depois, passa para o filho, mas aqui sente o peso da própria limitação. Ela não pode ajudá-lo muito, já que seus estudos não foram além da antiga 5ª série primária. No bairro onde cresceu, não havia escola de ensino médio, e sua mãe não permitiu que ela saísse da comunidade para continuar os estudos.

Jura suspira ao lembrar disso, mas não tem tempo para se entregar à melancolia. Olha para o lado: já são 10h40. Precisa preparar algo para o almoço das crianças. Corre para a cozinha e percebe que não há mistura suficiente. Sabe o que fazer: corre até a vizinha e consegue um ovo emprestado. Arroz tem, então decide fazer um pouco de polenta. Bate o ovo, acrescenta um pouco de trigo para render, e pronto: o ovo fica gordinho, e as crianças ficam alimentadas. Pelo menos na escola terão comida, pensa ela, aliviada. A merenda escolar é uma bênção para famílias como a dela.

Olha novamente para o relógio: já são 11h30. Organiza as crianças para o almoço, supervisiona enquanto comem e escovam os dentes. Verifica o material escolar de cada um. Às 12h40, tudo está organizado: uniformes prontos, cadernos arrumados, lanche preparado. Ufa.

Agora, só resta caminhar com as crianças até a escola, a dez minutos de casa. Durante o trajeto, conversam e brincam. Jura aproveita para relembrar a importância da escola. "O conhecimento é importante", diz ela, com um tom suave, mas firme. "A escola é um espaço de oportunidades."

Enquanto caminha, cumprimenta todos que encontra pela rua. Nasceu e cresceu naquele bairro, conhece até as pedras da calçada. Chegando à escola, entrega as crianças ao diretor e à professora, agradece a ambos com um sorriso sincero, dá um beijo em cada filho e diz, com ternura: "Eu te amo."

Olha para o relógio: 12h51. Corre para a feira. Já é quase uma hora, e a "xepa"³ já começou. Precisa pegar algumas coisas para as crianças.

Chega à feira e vê várias bananas no canto, por apenas um real. Sorri ao perceber que pode aproveitá-las para fazer um bolo para as crianças. "Graças a Deus pela xepa", pensa ela, enquanto encontra várias vizinhas na mesma situação. Afinal, não está fácil para ninguém. Jura avista um repolho roxo meio desfazendo-se e o vendedor, com um gesto generoso, diz: "Pega, dona Jura, senão isso vai pro lixo." Ela agradece e pega, sabendo que pode transformá-lo em uma mistura simples com um pedaço de linguiça para alimentar a família.

Volta para casa feliz, organiza tudo e começa a preparar o bolo com as bananas recuperadas. Olha para o relógio: 14h30. O bolo está pronto. Já lavou a louça da cozinha, organizou os armários e limpou toda a casa. Observa o ambiente arrumado e sorri, satisfeita. Olha novamente para o relógio: 15 horas. Lembra-se de que nem almoçou direito, mas não se preocupa. Sabe que o mais importante é alimentar a família e garantir que todos estejam bem.

Às quatro horas, pensa em esticar as pernas, mas lembra-se de que precisa tirar a roupa do varal. Com o sol forte que fez hoje, certamente já deve estar seca. Que dia bonito para uma dona de casa arrumar a casa, pensa ela, mas logo reflete: "Que ruim para quem ficou no sol o dia todo trabalhando."

³ "Xepa" é um termo popular usado em contexto de mercados e feiras, especialmente no Brasil, que se refere a uma venda com preço muito baixo, quase "de graça". E geralmente produtos com problemas e apertados.

Separa as roupas, pega as peças do marido para o trabalho, organiza tudo. Ufa! Finalmente, consegue esticar as pernas por alguns minutos. Olha para o relógio: 16h45. "Nossa, já é hora de pegar as crianças!" Levanta-se rapidamente, corre até a escola e volta caminhando com os filhos. No trajeto, ouve atentamente os comentários animados das crianças sobre as novidades do dia. Ela sorri, envolvida pelas vozes delas.

Chegam em casa, e as crianças querem brincar. "Podem brincar só mais um pouquinho", diz ela. "Depois o papai chega, e ele vai querer descansar." Liga a televisão e deixa as crianças entretidas enquanto cuida de outras tarefas. Às 17h30, é hora do banho. As duas crianças são organizadas e limpas. "Amanhã vocês fazem o dever de casa, tá? Tem pouco, graças a Deus."

Às 19h, ela pensa no marido. "Hoje ele vai chegar atrasado. Deve ter perdido o ônibus." Às 19h45, ele finalmente chega. Sorri para ela, dá um beijo e uma leve afagada nas nádegas. Ela sorri, mas pensa consigo mesma: "Estou cansada, vou menstruar daqui a pouco. Não estou muito a fim de namorar." Mas olha para ele com ternura. "Coitado, a diversão dos pobres às vezes é essa: namorar."

O pai conversa rapidamente com os filhos, mas logo demonstra cansaço acumulado. Senta-se em frente à TV e assiste ao jornal. Terminam de comer, e já são quase 21h. As bananas que estavam quase estragando renderam um doce delicioso. "Falei para ele comprar galinhas e fazer um galinheiro simples. Elas botam ovos e podem ajudar na renda de casa", reflete ela enquanto lava a louça.

Às 21h15, lava a louça e organiza a cozinha. Passa o pano rapidamente pelo chão. "Ufa!" Às 21h45, coloca as crianças para dormir. A pequena ainda pede uma historinha, enquanto o mais velho já dorme sozinho. Quase 22h20, ela entra no banheiro para tomar um rápido banho. Deixa a água cair sobre seu corpo, sentindo-a limpar não apenas sua pele, mas também sua alma. Agradece a Deus

pela vida e pela possibilidade de estar ali, presente, mesmo diante de tantas dificuldades.

Sai do banheiro e encontra o marido roncando na cama. "Coitado, queria namorar, mas foi vencido pelo cansaço da vida", pensa ela, cobrindo-o com carinho antes de se deitar.

Deitada na cama, ela olha para o relógio e são 23h. "Nossa, que correria", pensa consigo mesma. "A vida de dona de casa não é fácil." Ela sorri, fecha os olhos e murmura baixinho: "Agora, o que mais quero, é acordar."

Mas quando fecha os olhos, algo acontece. Ela abre os olhos novamente — e lá está ela, ao lado da própria cama, em pé, observando seu corpo adormecido. Sorri ao ver o marido dormindo profundamente ao lado. Ela para em frente a ele, mas percebe que ele não pode vê-la. Não entende bem por quê, mas aceita isso como parte do mistério. Então, sem hesitar, começa a flutuar pela casa em uma projeção astral.

Jura faz isso desde criança. Muitas coisas ela já entendeu sozinha, outras permanecem um enigma. Na década de 90, livros sobre espiritualidade eram raros, e ninguém falava sobre esses assuntos com clareza. Mas ela aprendeu a navegar nesse espaço à sua maneira. Às vezes caminha pelas ruas do bairro, mas prefere flutuar — sente-se mais livre, desvinculada das limitações da matéria.

Sabe que seu corpo físico está descansando, recuperando-se dos efeitos do tempo, enquanto ali, no plano astral, seu espírito ou algo parecido mantém a inocência terrena. Flutua pelo bairro, observa as pessoas em um bar bebendo e conversando. Ao redor delas, vê espíritos perdidos, alguns vagando sem rumo, outros presos às emoções densas que deixaram para trás. Um desses espíritos a observa e corre em sua direção, tentando atacá-la. Ela apenas sorri e sobe, sabendo que eles não podem tocá-la. Quando se eleva ainda

mais, sente uma presença reconfortante e luminosa. É o mentor que sempre a acompanha.

O mentor chega perto dela e pede ajuda. Jura adora ajudar. Em várias ocasiões, ele já havia pedido sua colaboração para realizar limpezas espirituais ou resgatar almas perdidas. No estado de desdobramento, ela está em uma frequência próxima à desses espíritos que desencarnaram e ficaram presos, enquanto o mentor, estando em uma frequência mais elevada, nem sempre consegue agir diretamente. Por isso, recorre a ela e a outros projetores conscientes.

Com o tempo, o mentor passa a apresentar Jura a outros grupos e pessoas que também desdobram como ela. Ela conhece um grupo de amigos dedicados a missões de resgate espiritual. Eles realizam trabalhos importantes, guiados pelos mentores, e Jura sente uma profunda conexão com essa nova realidade. Cada vez mais, vai entendendo como tudo funciona e fica maravilhada com a organização e a beleza desse mundo invisível.

O incrível de tudo isso é que Jura consegue lembrar de cada detalhe no dia seguinte. Sua mente processa as experiências do desdobramento como algo real, palpável. Para ela, aquele é o verdadeiro mundo, e a vida física parece ser apenas uma sombra temporária.

Aos poucos, Jura torna-se parte integrante do grupo. Participa de reuniões e missões, aprendendo e crescendo espiritualmente. Um dia, durante uma dessas reuniões, o mentor anuncia que precisa de voluntários para resgatar alguns espíritos perdidos. Sem hesitar, Jura é uma das primeiras a se oferecer. Entre os voluntários, há um rapaz de óculos que lhe parece familiar. Ela tem a sensação de já tê-lo visto em algum lugar, mas não consegue identificar onde ou quando.

Jura voltou a se concentrar e perguntou ao mentor por que eles precisavam ir e por que ele mesmo não poderia ajudar. O rapaz de óculos ajustou os óculos no rosto e explicou:

— Eles são sutis, e nós somos mais densos. Por isso conseguimos nos comunicar com eles de forma mais direta.

O mentor agradeceu a explicação e conduziu Jura e o rapaz de óculos até o local onde o casal estava. Ao chegarem, viram o casal discutindo acaloradamente, culpando um ao outro pelo acidente. Não percebiam que já haviam desencarnado. O mentor permaneceu em silêncio, observando. O rapaz de óculos notou algo: outros espíritos estavam ali, estimulando a briga, alimentando-se das energias negativas geradas pelo conflito.

Sem hesitar, o rapaz levantou a mão e fez um passe, dispersando os espíritos intrusos. Jura, confusa, imitou o gesto instintivamente. O rapaz então transmitiu mentalmente uma instrução: "Pense em luz e em amor ao próximo."

Jura seguiu a orientação. Fechou os olhos por um momento, visualizou uma luz pura e sentiu um calor suave emanar de suas mãos. Quando abriu os olhos, viu que sua energia ajudava a afastar as frequências densas que incitavam a briga.

Aproximando-se do casal junto com seu novo amigo, Jura falou com calma e ternura:

— Infelizmente, naquele acidente, vocês desencarnaram. Sei que não é fácil entender agora, mas o corpo morre, e o espírito é imortal. Vocês precisam seguir sua jornada espiritual.

A mulher olhou para ela, confusa e triste.

— Para onde vamos? Como funciona?

Jura sorriu, tentando tranquilizá-la:

— Eu também não sei todos os detalhes, mas posso dizer que este lugar não é adequado para pessoas desencarnadas. Aqui ainda há muita densidade, e vocês precisam ser guiados para uma frequência melhor. O que eu sei é que um ajuda o outro. Estamos encarnados, mas em desdobramento, e por isso podemos conversar com vocês.

A mulher sorriu timidamente e agradeceu.

— Muito obrigada... — disse, com a voz embargada.

Jura, curiosa, fez uma pergunta:

— Uma dúvida: por que vocês escutaram a gente? Antes, havia outros espíritos aqui, com mais luz, e vocês não deram atenção a eles.

O homem do casal respondeu, pensativo:

— Achávamos aqueles outros estranhos. Mas vocês... parecem com a gente.

O rapaz de óculos interveio, acelerando o processo:

— Gente, é melhor vocês irem logo. Boa jornada para vocês.

O casal parou de discutir, abraçou-se e começou a chorar. Em meio às lágrimas, uma luz suave surgiu ao redor deles. Um mentor espiritual apareceu e, com delicadeza, conduziu os dois para longe.

O rapaz de óculos ajustou novamente os óculos e sorriu para Jura:

— Bom trabalho!

Jura retribuiu o sorriso, sentindo uma profunda satisfação:

— O seu também.

Eles ficam felizes com o trabalho realizado, mas de repente surge uma figura desconfigurada, enorme, parecendo um monstro. O moço de óculos olha para Jura e diz calmamente:

— Não sinta medo. Ele se alimenta do medo. Apenas jogue luz, e você vai ter uma surpresa.

Ambos levantam as mãos simultaneamente e projetam feixes de luz brilhante em direção à criatura. O monstro, que parecia gigantesco e ameaçador, começa a diminuir, encolher-se, até ficar pequenininho e desaparecer completamente.

Jura, ainda assustada, solta um suspiro aliviado:

— Posso me assustar agora?

O moço ri e responde:

— Agora pode.

Curiosa, ela pergunta:

— O que era aquilo?

Ele explica:

— Quando libertamos o casal acidentado, espíritos de baixa frequência se irritaram. Eles queriam nos meter medo e criaram aquela imagem mental baseada em nossos próprios receios. Mas, quando não conseguiram nos atingir, desistiram. No entanto, ainda estavam furiosos e vieram tentar se vingar.

Jura balança a cabeça, impressionada:

— Nossa, que coisa!

O moço de óculos continua:

— As entidades podem plasmar coisas diferentes, como se fossem feitas de água, mas gastam energia para isso.

Jura franze a testa:

— Plasmar?

Ele sorri e usa uma analogia simples:

— Olha só: se você colocar água num copo redondo, a água vai ter formato redondo, certo?

Jura pensa por um momento e entende. Ela já sabia disso de forma intuitiva, mas nunca tinha ouvido aquele termo específico nem visto a prática acontecer naquele nível. Era como se tivesse aprendido algo antigo, mas esquecido, e agora estivesse redescobrimo.

Ela olha para baixo, ri e comenta com o novo amigo:

— E pensar que a maioria das pessoas pode fazer isso e não faz.

O moço sorri e complementa:

— Nem todos podem, mas infelizmente crenças limitantes e medos aprisionam as pessoas, próximas demais ao corpo físico.

Jura reflete por um instante:

— Uma pena.

Ela olha em volta e confessa:

— Sabe, aprendo mais dormindo do que acordada.

Ele sorri, concordando:

— Eu também.

Jura respira fundo e avisa:

— Bem, vou caminhando para casa. No caminho, sempre vejo espíritos zombeteiros querendo me acertar, mas eu apenas subo e fico acima deles, observando, tentando entender.

O amigo sorri e diz:

— É normal eles tentarem te atacar, mas é importante se proteger. — Ele faz uma pausa e acrescenta: — Se quiser, posso te chamar para participar dos cursos e oficinas que fazemos. A gente aprende muito com as trocas de experiências.

Jura aceita imediatamente, sentindo que aquilo era o início de uma longa amizade. Ela olha para ele, curiosa e pergunta:

— Por que você plasmou seus óculos aqui, já que não precisa deles no plano astral?

O moço de óculos fica rindo:

— Já uso óculos há tanto tempo que devo plasmar sem perceber.

Jura olha ao redor e vê o Sol começando a abraçar a Terra. Sabe que é hora de voltar ao corpo físico e enfrentar mais um dia de trabalho. Ela tem o dom de lembrar de tudo o que vivencia enquanto dorme, enquanto está em desdobramento.

Ao acordar, antes mesmo do despertador tocar, ela já está em movimento. Chama o marido, que, de tão cansado, nem tenta dar seu tapinha habitual nas nádegas dela. Antes das 6h, ela se despede dele com um beijo — desta vez, não mecânico, mas carregado de ternura, como se quisesse que ele lembrasse desse gesto durante a longa viagem até o trabalho.

Corre para colocar roupa para lavar, acorda as crianças, limpa a casa novamente, ajuda os filhos com os deveres, prepara o almoço deles, leva a criançada para brincar e até faz alguns exercícios. Hoje não tem feira, então ela pega sua bicicleta e vai até o centro da cidade. Quem sabe encontra algo interessante em algum brechó?

Ela pedala pelos arredores, recolhendo latinhas pelo caminho. Não sente vergonha dessa ação; sabe que precisa ajudar o marido com a sobrevivência aqui na Terra. E, ao mesmo tempo, sente que está contribuindo para a natureza, dando nova vida ao que seria descartado.

Nesse dia, ela consegue juntar várias latinhas, que planeja levar ao ferro-velho para ganhar um dinheiro extra. Enquanto para em um espaço no centro, ela avista o rapaz de óculos com quem havia trabalhado na noite anterior. Sorri ao lembrar-se de tudo e se pergunta se ele também se lembra dela. Observando-o calmamente, percebe que já o conhece — era da escola! "Que mundo pequeno", pensa Jura, enquanto espera o sinal abrir e continua sua jornada.

Depois de um dia cheio, ela pega as crianças, deixa tudo pronto para a chegada do marido à noite e torce para que ele consiga chegar cedo hoje. "Tomara", murmura para si mesma.

A lua surge no céu, refletindo o brilho do sol. Ela organiza tudo pela casa e, para sua surpresa, o marido chega mais cedo e feliz — o dia de trabalho foi mais leve. Tudo está organizado, desde o jantar até as crianças estarem devidamente acomodadas para dormir. O marido também logo se deita.

Nesta noite, ele demonstra vontade de namorar. Ela entende; afinal, está encarnada e precisa lidar com as necessidades da carne. Além disso, ela também gosta do jeito como ele a toca. Durante o momento íntimo, ela percebe um brilho violeta envolvendo-os. Acha graça e nota que, quanto mais entregues estão, mais intenso fica o tom roxo. Que cor linda e que sensação gostosa a de se entregar a quem se ama.

Depois do namoro, ele adormece rapidamente. Ela vai tomar um banho, deixando a água cair sobre seu corpo enquanto observa pequenos seres brincando na corrente. Sorri, relaxada. Olha para o relógio: já são 23h40. "Ufa, agora vou voltar para casa."

Deita-se e logo adormece. Quando abre os olhos, lá está ela novamente fora do corpo. Observa o marido sentado ao lado do próprio corpo físico, imóvel. Ela tenta falar com ele, mas ele não responde. Fica intrigada por ele desdobrar-se e ficar ali, sem interagir ou perceber nada. Respira fundo e segue em frente, concentrando-se em sua jornada espiritual.

Logo surge um mentor, perguntando se ela gostaria de participar de um novo curso. Ela aceita prontamente e é levada para aprender mais. Assim, passa seus dias divididos entre cursos no plano astral, diálogos com seu amigo de óculos, ajudando espíritos desencarnados a encontrarem seu caminho e continuando sua rotina terrena. Os dias vão passando, cada um trazendo novas lições e descobertas.

O que mais chamou a atenção de Jura foi a possibilidade de dar passes no campo espiritual — algo tão simples quanto um sorriso ou um abraço, mas que carregava uma força poderosa para ajudar seus amigos no dia a dia, tanto na vida encarnada quanto no trabalho espiritual.

Jura percebeu que um médium trabalha dos dois lados: desperto e dormindo. "Que legal", pensou ela, maravilhada com a ideia de poder ajudar os irmãos durante sua existência como espírito de luz.

Em vários cursos, ela e o rapaz de óculos tornaram-se ainda mais amigos. Passaram a fazer resgates juntos, desenvolvendo uma boa sintonia. Em uma dessas noites, enquanto flutuava de volta para casa após uma missão, Jura avistou o padre de sua paróquia. Curiosa, aproximou-se dele.

— Padre, o senhor por aqui?

— Sim, minha filha — respondeu ele com um sorriso sereno. — Podemos ajudar em diversos níveis.

— Que legal! — exclamou Jura, surpresa.

O padre continuou:

— Hoje um exu me chamou para ajudá-lo aqui perto. Quer ir lá conosco?

— Sim, quero — respondeu Jura, hesitante, mas curiosa. — Padre, o senhor é amigo de exu?

O padre sorriu com paciência:

— Sim, minha filha. São trabalhadores do meio espiritual, cada um com sua função.

Eles seguiram até o local indicado pelo exu. Ao chegarem, encontraram um grupo de espíritos densos, presos à matéria. Jura sentiu um arrepio ao lembrar-se do medo que sentia quando estava acordada e ouvia falar sobre exus, associando-os a coisas do mal. Mas ali, naquele momento, percebeu que eram apenas espíritos realizando seu trabalho em um mundo mais denso.

O exu explicou:

— Houve um assassinato recente. A pessoa desencarnou de modo abrupto e não entende onde está. Precisamos de pessoas mais densas para orientá-la.

O padre tentou dialogar com o espírito, mas suas palavras não surtiam efeito. Era uma criança — um adolescente confuso e assustado. Jura olhou para ele e sentiu o coração apertar. Correu até o jovem, abraçou-o com ternura e sussurrou algo em seu ouvido. Após o abraço, o adolescente pareceu se acalmar e aceitou seguir em paz.

O padre e o exu ficaram curiosos.

— O que você disse a ele? — perguntou o padre.

Jura sorriu, sem graça:

— Disse que o medo dele o estava prendendo neste mundo, nesta frequência pesada, e que ele deveria ir para a luz, onde encontraria outras possibilidades de vida após a morte e seus amigos e parentes. Também falei que seus familiares vão sofrer, sim, mas ficarão felizes ao saber que ele está bem.

O padre sorriu, admirado:

— Você foi humana com ele.

Jura refletiu por um instante:

— Respeitei ele e usei a verdade, padre. Afinal, a verdade vos libertará.

Jura foi embora, chegou em casa e viu o marido ainda sentado ao lado do corpo físico, imóvel, no estado de desdobramento. Ela não entendia por que ele ficava ali, sem interagir ou perceber o que acontecia ao seu redor. Começou a notar que a maioria das pessoas parecia agir assim durante o desdobramento: permaneciam sentadas, próximas ao próprio corpo, como se estivessem presas a algo invisível.

Durante o dia, depois de levar as crianças à escola, ela avistou o padre na rua. Ele a cumprimentou com um sorriso gentil, mas ela sabia que ele não lembraria de nada do que haviam vivido juntos no plano espiritual. "Que pena", pensou Jura, com um misto de tristeza e resignação.

Mais tarde, ao buscar as crianças, ela viu o rapaz de óculos. Sorriu para ele, e ele, meio tímido, retribuiu o sorriso. "Será que ele lembrou ou foi apenas educado?", questionou-se Jura, curiosa.

À noite, ela dormiu e novamente desdobrou-se. Encontrou seu amigo de óculos, que a convidou para visitar um centro de Umbanda. Era a primeira vez que Jura ia a um espaço como aquele. Sua família, profundamente católica, sempre falou mal das religiões afro-brasileiras. Cresceu ouvindo que não se devia ir a um centro de Umbanda, que lá "não tinha Deus, nem Jesus, só espíritos sem luz, como os exus". "Que preconceito", refletiu ela, sentindo uma "pontada de indignação".

Ao entrar no centro, ela viu espíritos trabalhando ativamente. Um deles veio recebê-los e explicou o que acontecia ali após as sessões espirituais. Jura observou com atenção e percebeu muitos espíritos sendo resgatados. Fascinada, aproveitou para fazer uma pergunta que há tempos a intrigava:

— Por que meu marido, por exemplo, não entende nada e fica simplesmente sentado ao lado da cama?

O espírito sorriu e explicou:

— Eles estão em frequências diferentes. Você pode ajudá-lo fazendo algo que ele goste — ler um livro, cantar uma música, meditar, ou até mesmo ler a Bíblia. O importante é criar uma ponte para que ele entre na mesma frequência que você. Depois disso, ele poderá começar a entender e compartilhar dessa experiência.

No dia seguinte, Jura já sabia o que fazer. Chegou em casa, organizou tudo e decidiu cuidar de si mesma. Fez a depilação, algo que nunca gostara muito porque doía, mas pensou: "Vamos lá, viver as coisas da encarnação." Tudo correu como planejado. À noite, ela seduziu o marido, dançando para ele e divertindo-se também. Sentia-se liberta das amarras religiosas que a impediam de experimentar prazer plenamente. Deitaram-se juntos, envolvidos pelo calor do desejo carnal.

Após o êxtase do amor, caíram cansados na cama. Jura olhou para o marido e disse:

— Eu te amo, e quero que você experimente algo comigo.

Ele franziu a testa, curioso:

— O que, meu amor?

— Meditar. Todas as noites, quando durmo, eu desdobro e te vejo sentado ao lado da cama. Se você meditar, vai mudar sua frequência, e poderemos sair juntos à noite.

Ele riu, hesitante:

— Sabe que não acredito nessas coisas, mas vou fazer por você.

Eles então se sentaram e começaram a meditar. Para sua surpresa, ele gostou da experiência. Ela o beijou carinhosamente e sussurrou:

— Hoje, quando for dormir, pense que vai me encontrar, e vamos passear juntos.

Ele sorriu, achando graça:

— Ok.

Dormiram de conchinha, num momento romântico e cheio de ternura. Apesar de ser evangélico, o marido não frequentava muito a igreja. Já estava acostumado a ouvir os pontos de umbanda que Jura cantava pela casa, mesmo sem compreender completamente o significado deles.

Quando o dono da noite — o sono — chegou, eles desdobraram-se, cada um no seu tempo. Ao acordar, ela viu o marido ao seu lado. Ele abriu os olhos, olhou para ela e disse simplesmente:

— Oi.

Ela riu, abraçou-o com carinho e respondeu:

— Nossa, que bom que você está aqui!

Ele não entendia nada, e ela explicou tudo. Contou como aquele mundo, na verdade, era outra parte da vida. Jura pegou-o pela mão e começou a mostrar como tudo funcionava. Ele ficou fascinado.

— Nossa, como a gente perde tempo — pensou o marido em sua primeira noite de desdobramento consciente.

Eles fizeram um passeio de demonstração. Jura mostrou-lhe cada detalhe, e ele se encantou com cada descoberta. Depois dessa experiência, ela acordou ansiosa para que ele também despertasse, pois achava que ele poderia lembrar-se do que haviam vivido. Esperou pacientemente, e quando ele finalmente abriu os olhos, ela correu até ele, ainda sonolento, com as remelas nos cantos dos olhos.

— Oi, lembra de ontem? — perguntou ela, cheia de expectativa.

Ele sorriu, meio confuso:

— Da parte que a gente namorou?

— Não, depois.

Ele coçou a cabeça, tentando lembrar.

— Só me lembro de ter tido um sonho muito louco... A gente estava flutuando pela cidade.

Ela sorriu e o abraçou com ainda mais força.

— É só o começo. Você vai lembrar de tudo em breve.

Assim, todas as noites, ela conversava com o marido, ensinava-o sobre o desdobramento, compartilhava suas experiências, fazia cursos no plano espiritual. Durante o dia, conversava com as pessoas, cuidava da casa, das crianças e tudo mais.

Era uma jornada dupla: uma vida aqui, outra lá. "Qual é a real?", pensava ela às vezes, dividida entre os dois mundos.

Nas obsessões espirituais, sempre encontrava ao seu lado o rapaz de óculos. No final de um desses trabalhos, ela falou para ele:

— Amanhã eu vou te encontrar, mas você não vai lembrar de mim.

Ele sorriu, ajustando os óculos:

— Será?

— Eu lembro 100% das coisas que faço aqui — disse ela, convicta. — Talvez você só esteja lembrando metade.

Ele a olhou, curioso, e ela completou:

— Quando acordar, não deixe a mente inventar coisas ou misturar com o sonho. Acordou? Abra os olhos e deixe que a memória traga o que você viveu aqui. Assim, isso vai se tornar uma experiência real dentro da sua vida.

Ele agradeceu. Eles começaram a flutuar, e ela avistou uma cadeira no caminho.

— Uma cadeira que alguém plasmou e deixou aqui — comentou ela, divertida.

Sem pensar duas vezes, Jura pegou a cadeira e começou a andar sobre ela como se fosse um carro, deslizando pelo ar. O moço de óculos não conteve o riso, observando aquela cena inusitada.

No dia seguinte, após toda a correria do cotidiano, ela estava na escola quando viu o rapaz dos desdobramentos. Reconheceu-o imediatamente. Ficou meio sem graça, mas decidiu quebrar o silêncio.

— Oi, rapaz — disse ela, hesitante.

Ele ajustou os óculos, visivelmente constrangido, e respondeu:

— Oi.

Fez uma pausa, então completou, com um sorriso tímido:

— E cuidado com aquela cadeira, menina.

Ela sorriu, surpresa e feliz por ele lembrar.

— Você lembrou! — exclamou, animada. Curiosa, perguntou:

— Qual é o seu nome?

— Wagner — respondeu ele, ajustando novamente os óculos.

— Prazer, meu nome é Jura — disse ela, estendendo a mão em um gesto amigável.

Jura voltou para casa sentindo-se mais leve. Sabia agora que tudo o que vivenciava no plano espiritual era real. "Olha que legal", pensou, satisfeita.

À noite, ela dormiu e novamente encontrou-se com o marido no desdobramento. Caminharam juntos, e ela mostrou-lhe mais algumas coisas do mundo espiritual. Ele começava a entender melhor aquele universo paralelo, ainda que aos poucos.

Em um dado momento, eles sentaram-se no muro, observando o horizonte. Um nascer do sol fraco, quase imperceptível, anunciava o fim da madrugada. Era o prenúncio de que o galo logo cantaria, marcando o início de um novo dia.

— Fica aqui mais um pouco — disse ela ao marido, com carinho.

— Mas está na hora, né? Está chegando a hora da gente trabalhar.

Ele assentiu, compreendendo. Ela acenou um adeus e, no instante seguinte, abriu os olhos na cama, despertando para mais um dia de trabalho.

O Nascimento de Seu Osmar

Seu Osmar era um homem simples. Tinha uma vida simples. Agora, aos 94 anos, mantinha a sua rotina: ele acordava todas as manhãs, olhava-se no espelho e sorria sem graça ao perceber como o tempo estava devolvendo o corpo que nunca foi realmente dele para mãe terra. No dia anterior, seu aniversário, havia passado o dia cercado pelos filhos, netos e bisnetos. Ele pensava no bolo, nas risadas, nos abraços apertados. Pensava na vida, que, como um rio, sempre pede passagem.

Refletia sobre como fora difícil chegar até ali. Criar dois filhos para que se tornassem pessoas boas e dignas, capazes de contribuir nessa loucura que é estar encarnado. Seu Osmar não pôde estudar; era um homem simples. Sua oficina de mecânica foi sua escola e seu sustento por décadas. Mesmo agora, pela manhã, ele ainda se preparava para ir à oficina — aquela que construiu do zero, onde os motores eram sua especialidade. Não importava a tecnologia moderna dos carros novos; o motor, ele sabia, continuava o mesmo. Pelo ronco, ele identificava qualquer problema. Era isso que o tornava indispensável por tanto tempo.

Na oficina, Seu Osmar contava mais histórias antigas para os clientes do que trabalhava. Tomava café várias vezes ao dia e se deslumbrava ao ver o tamanho da oficina que um dia começou em um pequeno barracão improvisado. Hoje, era o neto quem cuidava de tudo. "Essa é a nova geração", pensava ele, com orgulho e nostalgia.

Depois de contar histórias para clientes cujos pais e avós ele também conheceu, Seu Osmar voltou para casa com a ajuda da neta Laura, que estudava enfermagem e sempre cuidava dele. Por sorte ou capricho de Deus, ele não precisava tomar nenhum remédio, enquanto o filho, aos 70 anos, já engolia quase dez comprimidos por dia. Sempre que Laura insistia em cuidar dele, Seu Osmar respondia:

— Vá cuidar do seu pai. Ele que precisa de ajuda, eu sou novo ainda!

Ao lado de sua cama, havia uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e um terço que ele segurava todas as noites. Apesar de não ser muito religioso, rezava como sua falecida esposa lhe ensinara. Beijou a Santinha, olhou para a foto da companheira que partira alguns anos antes e agradeceu a Deus pelo momento presente. Fechou os olhos e adormeceu.

Quando os abriu novamente, encontrou-se sentado à beira de um lago tranquilo. Não reconhecia aquele lugar, mas a serenidade que o envolvia era indescritível. O som da natureza enchia o ar: o farfalhar das folhas, o murmúrio suave da água e o canto dos pássaros. Era como se o tempo tivesse parado ali.

De repente, do lado esquerdo, ele ouviu uma voz familiar. Uma voz que conhecia desde criança. Quando se virou para ver quem era, encontrou um rapaz que se sentou ao seu lado.

Seu Osmar olhou para ele e disse, com um sorriso tranquilo:

— Era você, né?

O rapaz sorriu de volta:

— Sim. Sempre fui eu.

Seu Osmar balançou a cabeça, confirmando:

— É impossível não reconhecer a sua voz.

Os dois se olharam com ternura e companheirismo. O silêncio permitiu que os pássaros e garças projetassem seus cantos, vibrando no tímpano dos interlocutores.

Seu Osmar quebrou o silêncio:

— E agora? O que vai acontecer?

O rapaz respondeu calmamente:

— Agora, a gente espera um pouquinho. Depois, vamos.

Seu Osmar respirou fundo, olhou ao redor e falou:

— Nossa... Eles vão ficar bem, né?

O rapaz sorriu e assegurou:

— Sim. Todos estão admirados com sua vitalidade.

Seu Osmar parou por um momento, refletindo:

— É... Pelo menos eu tentei fazer a minha parte.

O rapaz balançou a cabeça, com um sorriso de aprovação:

— Não, Seu Osmar. O senhor fez a sua parte muito bem. Chegou aos 94 anos sem tomar nenhum remédio, sem estragar o seu corpo. Parabéns!

Seu Osmar olhou para ele, sorriu e agradeceu. Depois, perguntou:

— Mas, me diz... O que é a vida, hein?

O rapaz, sem olhar diretamente nos olhos de Seu Osmar, fixou o olhar no horizonte e respondeu:

— A vida é o que você fez até agora.

Seu Osmar sorriu e retrucou:

— Não, não pode ser só isso, né? A gente não vem aqui só para crescer, namorar, copular, trabalhar, ganhar dinheiro. Deve ter mais. E você, por estar aqui do meu lado nesse momento, me mostra isso também.

O rapaz continuou, pensativo:

— A vida é só uma passagem. E muitas pessoas se esquecem disso. Nessa passagem, o mais importante é o que aprendemos

desde o começo, quando chegamos, até esse momento final. O que fica é isso. Todo o resto é ilusão.

Seu Osmar concordou, com um sorriso melancólico:

— E vivemos muito de ilusão, né? Vivemos com muita ilusão. Talvez a maior das ilusões seja achar que merecemos ser felizes, né?

O rapaz franziu a testa, intrigado:

— Como assim, Seu Osmar?

Seu Osmar explicou, com a calma de quem já refletiu muito sobre o assunto:

— Olha, dessa minha passagem por aqui, o que eu mais ouvi foram pessoas falando isso: "Eu mereço". Eu mereço isso, mereço aquilo. Mereço um carro melhor, uma mulher melhor, um filho melhor, um trabalho melhor, tudo melhor. E sempre que alguém ia na minha oficina e falava que merecia não sei o quê, eu pensava: "E aquele que está na esquina com fome, o que ele merece? E aquele outro que não tem comida, o que ele merece?" Sempre me preocupou essa questão do alimento, porque, para viver, precisamos comer. Talvez a gente perdesse essa coisa de achar que merece e, em vez disso, achasse que merece doar, ajudar o próximo, cada um do seu jeito.

O rapaz sorriu, impressionado:

— É verdade, Seu Osmar. Mas, me diga... Qual é a sua religião?

Seu Osmar caiu na gargalhada, como se fosse a pergunta mais engraçada que já tinha ouvido:

— Ah, meu amigo! Você me acompanha desde que eu nasci. Sabe que eu não tenho religião. Meu pai era espírita, minha mãe era católica. Depois, meus filhos e minha esposa viraram católicos. Um filho meu virou evangélico, outro virou espírita. Eu? Tanto faz. Minha religião é fazer o bem.

O rapaz sorriu, concordando:

— Essa é a maior lei: ajudar.

Seu Osmar olhou em volta, ainda admirado com o lugar onde estava, e questionou:

— Mas eu não entendo, sabe? Uma pessoa como eu, que não tem religião, e, de repente, estou aqui fazendo essa passagem nesse momento... E você tá aqui comigo, tão tranquilo, tão bom.

O rapaz explicou, com paciência:

— Sabe por quê, Seu Osmar? Não é a religião que faz o homem. Às vezes, pelo contrário, a religião pode até atrapalhar o nosso caminho. A função da religião deveria ser religar a gente com a energia maior, que você pode chamar de Deus. No seu mundo, infelizmente, muitas religiões se acham donas das pessoas. Acham que devem obrigar as pessoas a fazer o que elas não querem. Essas religiões estão cada vez mais aprisionando as pessoas, em vez de libertá-las. E o fato de o senhor não ter religião foi ótimo, porque o senhor fez o principal, Seu Osmar.

— O que que eu fiz? — perguntou Seu Osmar, curioso.

O rapaz, admirado pela simplicidade do homem à sua frente, respondeu:

— Você amava o próximo. Você lembrava do Zé Cachaça, aquele rapaz pobre que sempre aparecia por ali. Lembra dele?

Seu Osmar sorriu, nostálgico:

— Sim, meu amigo. Uma pobre alma infeliz.

— Pois é — continuou o rapaz. — Você sempre pagava um cafezinho para ele. O que o senhor comia, ele comia. Quantas vezes o senhor foi almoçar e dividiu seu prato com outras pessoas, ou até mesmo ficou sem comer para que outra pessoa pudesse se alimentar.

Seu Osmar concordou, pensativo:

— Verdade... Se eu visse uma criança passando fome ou alguém precisando de ajuda, eu tentava ajudar. Não consigo ser feliz vendo a dor do outro.

O rapaz olhou para ele com ternura:

— O senhor ajudou mais pessoas com suas palavras de apoio e gestos simples do que muitos religiosos na Terra que pregam o empobrecimento da alma alheia.

Seu Osmar começou a se emocionar. Sua voz falhou um pouco quando ele falou:

— Mas como é que eu ia ver aquelas crianças crescendo com fome, enquanto eu tinha comida sobrando em casa? Eu não entendo muito dessas coisas, mas nunca consegui ser feliz vendo o sofrimento dos outros.

O rapaz olhou para o horizonte, como se buscasse as palavras certas:

— Seu Osmar, o senhor lembra dos dois irmãos que ajudou? Os gêmeos, Bola e Bolinha?

Seu Osmar sorriu, os olhos brilhando de felicidade:

— Ah, sim! Eram magrinhos, viviam passando fome. Mas graças a Deus, vi essas crianças crescerem.

O rapaz se levantou, caminhou até o lago e, abaixado, continuou:

— Eles cresceram, sim. E sempre usaram o seu exemplo de vida. Um deles até fez faculdade na Terra e se tornou uma pessoa importante. Todas as noites, quando rezava e brincava com o filho, ele agradecia pelo senhor, Seu Osmar. Ele nunca se esqueceu do

senhor. Muitas vezes, essa energia positiva que ele enviava para o senhor foi o que prolongou sua vida na terra.

Seu Osmar franziu a testa, confuso:

— Como assim?

O rapaz se levantou, caminhou até ele e explicou:

— Pelo processo encarnatório, o senhor deveria ter partido há alguns anos.

— Eu deveria ter ido antes? — perguntou Seu Osmar, surpreso.

— Sim, muito antes. Mas havia tanta energia boa sendo direcionada ao senhor. Todas as pessoas que rezavam, agradeciam e falavam bem do senhor... Isso fez com que o universo, ou pode chamar de Deus, estendesse sua permanência aqui. Agora, chegou a sua hora.

Seu Osmar balançou a cabeça, ainda sem entender completamente:

— Não sei como isso funciona.

O rapaz sorriu e apontou para a luz que começava a envolver Seu Osmar:

— É mais ou menos assim: cada um vem com uma energia. Essa energia pode ser gasta rapidamente, dependendo das escolhas que fazemos. Quando gastamos essa energia com coisas ruins, desencarnamos antes. Quando a usamos de forma equilibrada, seguimos nosso tempo certo. Mas quando outras pessoas também rezam por nós, enviando energias boas, essa energia se estende.

Seu Osmar olhou para o lado, refletindo. Fez uma pausa e perguntou:

— E meu irmão? Por que ele teve que desencarnar tão cedo e de modo tão abrupto? Rezo muito por ele. Sei que ele teve uma vida infeliz e que foram as escolhas dele que o levaram a isso. Mas às vezes a gente não tem muitas escolhas na vida.

O rapaz suspirou, com um olhar compreensivo:

— Seu Osmar, seu irmão está bem. Já ajudamos ele. Não só eu, mas a egrégora que o protege do seu grupo. Ele veio com uma missão muito bonita, igual à sua. Simples, mas bonita. Não existe missão melhor ou pior; existe apenas o aprendizado. O aprendizado dele era igual ao seu, mas ele escolheu um caminho diferente. Ao pegar esse outro caminho, ele se perdeu muito, Seu Osmar. Perdeu-se tanto que não podíamos fazer muita coisa por ele. Chegou um momento em que ele desencarnou porque quis.

— Como assim? Não, ele não quis desencarnar. Foi um acidente!

O rapaz sorriu com simplicidade:

— Sim, Seu Osmar, mas foi como um suicídio involuntário. Ele pediu para ir antes porque o espírito dele sabia que estava aumentando sua dívida.

Seu Osmar franziu a testa, confuso:

— Como assim, dívida?

O rapaz explicou, com paciência:

— Viemos aqui para aprender. Somos como alunos na escola, entende? Digamos que seu irmão estivesse na terceira série. Ele deveria estar ali para aprender. Mas chegou um momento em que ele se perdeu tanto que parou de querer aprender. Na verdade, ele

começou a atrapalhar os outros alunos. Infelizmente, seu irmão também começou a fazer muitas coisas erradas. Então, o próprio espírito dele decidiu partir. Foi isso que aconteceu, Seu Osmar. Essa decisão foi, na verdade, uma forma de protegê-lo de futuras ações que poderiam piorar ainda mais sua situação. Pode ficar tranquilo. Em algum momento, o senhor vai revê-lo e verá como ele está bem.

Seu Osmar respirou fundo e se levantou devagar. Olhou ao redor, sentindo que aquele momento havia chegado.

— Acho que agora está na hora da gente ir.

O rapaz se posicionou ao lado dele:

— Acho que sim. Chegou a hora.

Seu Osmar hesitou por um instante:

— E como funciona?

— Você vai escolher alguns momentos para rever.

Seu Osmar riu, meio sem jeito:

— Ah, já ouvi essa história. A gente vê todas as imagens que viveu na vida, né? Só coisa boa ou coisa ruim também?

O rapaz sorriu:

— Só coisa boa no momento.

Seu Osmar respirou aliviado:

— Ufa... Que bom.

— Qual o senhor mais gostaria de rever?

Seu Osmar pensou por um momento, os olhos brilhando com a lembrança:

— O que mais gostaria? Foi o dia do meu casamento.

O rapaz pareceu surpreso:

— Por quê?

— Porque foi o dia mais importante da minha vida. Minha esposa... Aquela garota tão bonita. Sempre que eu a tocava, meu coração batia mais forte. Sabia que tínhamos uma passagem por essas terras juntos. Ela era muito religiosa e me ensinou tantas coisas. O namoro foi importante, claro, mas dentro daquela igreja... Eu, que não sou católico, fiquei admirado. Então, pode dar uma pausa nesse momento, por favor. Ela me deu a honra de dividir a vida dela comigo. Ela tinha apenas 20 anos e eu 22 e aprendemos juntos sobre o amor e a vida.

O rapaz riu, achando graça:

— Ah, pensei que você fosse escolher momentos mais íntimos.

Seu Osmar sorriu, tímido:

— Sem amor, o sexo é como andar no espaço vazio. Sem direção, mas quando se ama o importante não é a direção, mas o caminhar.

Depois de uma breve pausa, Seu Osmar perguntou, preocupado:

— E meus filhos? Vão ficar bem, né?

— Sim — respondeu o rapaz, com ternura. — Os filhos, netos, bisnetos, todos vão continuar vivendo suas experiências lá na Terra tendo o senhor como um exemplo a ser seguido.

Seu Osmar sorriu, sem graça, e perguntou:

— E agora, como funciona?

— Agora, você só precisa fechar os olhos. Vai começar a ver as imagens.

Seu Osmar fechou os olhos lentamente. Uma onda de memórias começou a surgir. Ele falou baixinho, quase sussurrando:

— Nossa... Minha mãe indo para a maternidade. Acho que ela vai ter um bebê. Meu pai novinho, olha só, todo enrolado. Eu saindo do corpo... Nossa, estou nascendo de novo.

Os Destinos de Brandão

Dr. Brandão era uma figura imponente na cidade. Rico, poderoso e temido por muitos, ele se autoproclamava "doutor", embora nunca tivesse pisado em uma universidade. O título não passava de um adorno que ele usava para impressionar os outros. Sua fortuna vinha de herança: fazendas, gado e terras que ele transformou em empreendimentos lucrativos. Com o tempo, percebeu que construir prédios baratos para alugar a estudantes era um negócio ainda mais rentável. Assim, quando uma universidade estadual comprou parte de suas terras para construir um campus isolado, ele viu a oportunidade perfeita. E teve a brilhante ideia de criar uma universidade particular do lado da estadual para concentrar jovens e ganhar mais dinheiro. Assim surge a Universidade Cruz que se tornou uma referência na região, pois não tinham outras universidades particulares, além de oferecer cursos que a estadual não tinha; assim não teria concorrência.

Brandão caminhava pela propriedade, olhando ao redor com ar de superioridade. Ele ajustava o nó da gravata enquanto planejava mentalmente cada detalhe do que seria construído ali: lanchonetes, padarias, xérox, quartos para estudantes. Um condomínio fechado, dividido entre luxo e simplicidade, para atrair todos os tipos de estudantes. Praticamente o prefeito criou um bairro para ele.

Com a ajuda de um deputado influente no estado e do prefeito — que ele próprio ajudou a eleger —, Brandão transformou a sua fazenda menos produtiva no bairro mais movimentado da região. Jovens lotavam os bares, boates e pequenos comércios que ele criou. A área, antes isolada, agora fervilhava de vida, impulsionada pela presença da universidade.

Mas Brandão não via isso como um serviço à comunidade. Para ele, tudo girava em torno de dinheiro e poder. Ele acreditava piamente que o dinheiro era tudo, que o dinheiro fazia tudo. Naquela cidade pequena do interior do Brasil, onde sua família mandava a várias gerações, ele se sentia intocável.

Ele andava pelas ruas da cidade em seu carro de luxo, abaixando o vidro apenas para observar as pessoas com um sorriso arrogante. Sabia que elas o admiravam — ou melhor, invejavam e temiam. E isso inflava seu ego ainda mais.

No entanto, o mundo espiritual estava atento. Observava Brandão com preocupação, sabendo que ele estava se desviando de seu propósito. Ele precisava aprender que o verdadeiro valor da vida não está no dinheiro, mas nas conexões humanas e no bem que fazemos aos outros.

O Dia da Homenagem

Certo dia, o prefeito decidiu homenagear Brandão como um dos maiores empresários da região. Era uma ocasião especial, organizada para celebrar suas contribuições para o crescimento da cidade. Brandão, claro, adorou a ideia.

Em casa, ele parou na frente do espelho gigante do hall de entrada, ajustando o terno italiano que custava mais do que muitos salários juntos. Seu relógio de ouro brilhava sob a luz do lustre de cristal. Ele pegou um copo de uísque com gelo e foi até o jardim, onde admirou as estátuas gregas que decoravam sua mansão. Era impossível não se sentir o dono do mundo. Os bandidos tinham medo dele, já que ele ajudou a organizar o tráfico de drogas da cidade.

Chamou seu motorista e ordenou que trouxesse o carro mais caro da garagem — um modelo que custava mais de meio milhão de dólares. Dentro do veículo, ele fez questão de passar devagar pelas

ruas da cidade, exibindo-se para os moradores. Todos paravam para olhar, alguns com admiração, outros com inveja.

Brandão ajustou os óculos escuros, mesmo à noite, e sorriu ao ver as pessoas cochichando sobre ele. Ele saboreava cada momento, como se fosse um rei em seu trono móvel.

Chegando à festa no teatro municipal que ele ajudou a construir — e leva o nome de seu avô, Adelino Cruz — Brandão entrou com pompa, segurando o copo de uísque como se fosse um troféu. O prefeito correu para recebê-lo, mandando buscar a melhor safra disponível. Brandão foi conduzido à mesa principal, onde recebeu a homenagem com aplausos calorosos.

— Na vida, só é preciso ter meta e foco — disse ele, em seu discurso. — Isso me ajudou a vencer.

Todos o aplaudiram, incluindo o reitor da universidade, que agradeceu publicamente pelas "generosas" doações de Brandão. Naquele momento, foi anunciado que o novo centro de pesquisa agrônômica do campus levaria o nome dele: Centro de Pesquisa Agrônômica "Brandão Cruz".

Depois do evento, Brandão estava visivelmente embriagado. Pegou as chaves do carro e dispensou o motorista, ignorando os protestos do motorista.

Ele cambaleou até o carro, tentando parecer confiante, mas seus movimentos eram descoordenados. Entrou no veículo, ligou o motor e saiu cantando pneu, deixando para trás olhares preocupados.

Enquanto dirigia, o mundo espiritual o observava. Uma entidade sábia comentou com outra:

— Ele precisa aprender que o poder e o dinheiro não são eternos.

O destino está prestes a ensinar-lhe uma lição.

O Acidente e o Despertar

Brandão cochilou ao volante enquanto dirigia seu carro de luxo. A noite estava escura, e ele tentava combater o cansaço tomando energéticos. Mas, distraído, não encontrava o bendito energético que havia deixado em algum lugar do carro. Enquanto tentava pegá-lo, desviou os olhos da estrada por um momento. Quando percebeu, já era tarde demais.

Seus olhos se arregalaram ao ver um clarão à sua frente. Ele instintivamente virou o volante, mas tudo aconteceu rápido demais. O impacto foi inevitável.

Quando abriu os olhos novamente, Brandão se viu em um lugar estranho. Não havia mais o som do motor ou o cheiro de couro do interior do carro. Ele olhou ao redor, confuso.

— "Ué, eu não tava dirigindo meu carro? Como estou aqui? E o meu carro tá bem?" — perguntou ele, com uma mistura de irritação e preocupação.

Ele levou a mão à cabeça, como se buscasse entender o que havia acontecido. Seu terno ainda estava impecável, mas algo no ambiente parecia fora de lugar.

Uma pessoa apareceu à sua frente, sorrindo tranquilamente.

— Calma, Dr. Brandão. Ou prefere só Brandão?

Brandão franziu a testa, ainda irritado:

— E o carro? É o meu preferido! — perguntou, meio preocupado.

A Entidade o tranquilizou, com um tom suave:

— O seu carro está bem, sim, Dr. Brandão. Está ótimo.

Brandão relaxou um pouco, soltando uma risada nervosa:

— Nossa, pensei que tinha morrido, sabe!

A Entidade olhou para ele com seriedade:

— Foi exatamente o que aconteceu.

Brandão arregalou os olhos, entrando em pânico:

— Como assim, eu morri?!

Ele começou a andar de um lado para o outro, gesticulando com as mãos enquanto tentava processar a informação.

— Sim, o senhor morreu — explicou a Entidade, mantendo a calma. — E estamos aqui nesta dimensão organizando para onde o senhor vai.

Brandão ficou furioso:

— Como assim, para onde vou?! Não tenho dúvida nenhuma! Eu sou importante, tenho dinheiro, poder... Não posso simplesmente ir para qualquer lugar!

A Entidade tentou acalmá-lo de outra forma:

— Antes de falarmos sobre isso, me conta: como você está? Me fala um pouco de você. Está sumido. A gente não se vê há muito tempo.

Brandão parou de andar e olhou para a Entidade, confuso. Ele piscou algumas vezes, tentando entender a situação.

— Eu morri? Quer dizer... como assim? — disse ele, balbuciando.

A Entidade insistiu:

— O que o senhor tem feito?

Brandão olhou ao redor, tentando encontrar alguma pista.

— Como eu estou? Bem! Estou sempre por aqui fazendo as minhas coisas. Sempre certo, sempre correto.

Ele cruzou os braços, tentando manter uma postura arrogante, mesmo em um ambiente desconhecido.

A Entidade sorriu, ironicamente:

— Sempre certo? Sempre correto? Nossa, acho que ainda está em choque... ou bêbado de tanto uísque que tomou, não?

Brandão se irritou ainda mais:

— Seu moleque! Acha que está falando com quem?

Ele apontou o dedo para a Entidade, como se quisesse intimidá-la.

A Entidade aumentou o tom de voz:

— Estou falando com um velho bêbado que usa as pessoas e se acha superior. E não é nada mais do que um covarde que se esconde atrás do dinheiro, que aqui não vale nada.

Brandão ficou vermelho de raiva:

— Quem é o seu superior? Chama ele aqui!

A Entidade riu, balançando a cabeça enquanto observava Brandão perder a compostura.

— O meu superior é a sua consciência, que está louca para te cobrar tudo de errado que o senhor fez. Mas estou segurando-a antes de te deixar aqui repensando e refletindo nas coisas que fez, se achando melhor do que os irmãos na Terra.

Brandão ficou em silêncio por alguns minutos, tentando se acalmar. Finalmente, a Entidade continuou:

— Agora me fala: o que considera “coisa certa” que você realizou?

Brandão pensou por um momento:

— Bem, o que eu tenho feito? Ajudei a educação, criei uma universidade, criei um polo de hotéis...

A Entidade sorriu, interrompendo-o:

— Nessa educação que você colocou em prática, você paga mal os professores, oferece uma educação de péssima qualidade porque só se preocupa com o dinheiro dos seus alunos. Quando um aluno tenta sair, você o pressiona para ficar até o final, pois o desconto é para o curso todo. Por isso, está cheio de processos. Não acho que isso vai te tirar das trevas.

Brandão começou a suar frio, percebendo que suas justificativas não eram tão sólidas quanto imaginava.

— Tirar de onde? Das trevas do inferno? Me tira daqui! Eu tenho poder, posso ajudar um parente seu na Terra, pensa nisso! — implorou ele, desesperado.

Ele tentou segurar a mão da Entidade, mas esta apenas recuou, mantendo distância.

O Julgamento de Brandão

A Entidade continuou pressionando Brandão, expondo suas falhas com uma calma que o deixava ainda mais irritado.

— Bem, nem vou falar desse suborno... — disse ela, com um sorriso irônico. — Mas vejo aqui que você também tem relaxado com a comida. Dando, às vezes, alimentos vencidos às pessoas, não é?

Brandão se defendeu imediatamente, tentando parecer seguro:

— Calma lá! Ninguém passou mal, né? Tem um prazo de validade ali só de garantia alimentar, essas coisas. Então, não tem problema!

Ele cruzou os braços, como se estivesse justificando algo perfeitamente normal. Mas seus olhos revelavam um leve desconforto.

A Entidade apenas olhou para ele, sem alterar o tom de voz:

— A ideia de fazer o mal já é considerada um mal feito.

Brandão se irritou novamente, levantando a voz:

— Não seja radical! A vida terrestre não é assim, sabia?!

Brandão então balançou as mãos no ar, como se tentasse afastar as palavras dela. Mas a entidade permaneceu impassível, observando-o com um olhar penetrante.

— Tá bom — respondeu ela, simplesmente.

Brandão ficou ainda mais frustrado:

— Mas afinal de contas, quem é você? Você sabe quem eu sou?

Brandão apontou para si mesmo, enfatizando sua importância, como se esperasse que isso bastasse para intimidá-la.

A entidade riu do desespero dele:

— Sim, eu sei quem você é. Você é o senhor poderoso, Dr. Brandão. O homem que tem um carro que custa mais de meio milhão, que tem uma casa que vale 1 milhão.

Brandão interrompeu, corrigindo-a rapidamente:

— Não. Minha casa vale uns 10 ou 15 milhões.

Brandão ajustou o nó da gravata, como se quisesse reafirmar seu status, mesmo naquele ambiente estranho.

A entidade sorriu, fazendo uma pequena reverência zombeteira:

— Isso. Desculpa, sua casa vale entre 10 e 15 milhões. Sua roupa sempre impecável, não é "doutor"?

Brandão sorriu, orgulhoso:

— Sempre fiz questão de me vestir bem!

A Entidade continuou, com um tom provocativo:

— Sim. Isso é tudo, doutor?

Brandão franziu a testa, confuso:

— Como assim, isso é tudo?

— Você está falando das suas roupas, do seu poder. E aí? — perguntou ela, inclinando-se levemente para frente.

Brandão hesitou, incerto sobre o que responder:

— Brandão, aí o quê?

A Entidade olhou diretamente nos olhos dele:

— Se eu te falasse que aqui isso não vale nada?

Brandão começou a ficar visivelmente preocupado:

— Aqui? Aqui onde?

Ele olhou ao redor, como se buscasse alguma saída ou explicação lógica para aquela situação surreal.

A Entidade suspirou, como se estivesse prestes a revelar algo óbvio:

— Aqui. Sabe, Sr. Brandão, na verdade, você desencarnou. Você teve um infarto fulminante depois que passou no cruzamento. E o mais irônico é que a luz que você viu era de crianças de bicicleta. Mas só o medo foi suficiente para causar o infarto. Todo o seu dinheiro, todo o seu poder, aqui não vale nada. Pelo contrário. Aquele que é muito dado vai ser muito cobrado, doutor.

Brandão baixou a cabeça, balançando-a de um lado para o outro, como se tentasse negar tudo aquilo. Ele parecia perdido, incapaz de processar o que estava ouvindo.

— Como posso saber que você está falando a verdade? Hum...
— murmurou ele, tentando manter uma aparência de controle.

A Entidade sorriu, como se esperasse por essa pergunta:

— Não preciso provar nada. Mas vou te provar que você está desencarnado.

Brandão forçou um sorriso nervoso:

— Ótima ideia. Essa coisa de infarto com crianças de bicicleta parece bobeira.

Ele tentou rir, mas o som saiu fraco e artificial. Estava claramente tentando mascarar seu medo crescente.

O Confronto com a Verdade

A Entidade caminhou lentamente em direção a ele, e o ambiente ao redor começou a escurecer. Ela parou bem à frente de Brandão, olhando profundamente em seus olhos.

— Lembra do menininho, Dr. Brandão, alguns anos atrás, que você atropelou? — perguntou ela, com uma voz suave, mas carregada de peso.

Brandão arregalou os olhos, surpreso e assustado:

— Como assim? Eu não sei de nada!

A Entidade sorriu com ironia:

— Oh, doutor. O nome do menino era Wellington. Sim, preto e pobre, que cruzou o seu caminho no mesmo cruzamento onde você teve o infarto. Olha o destino...

Brandão recuou involuntariamente, como se as palavras dela fossem uma força física empurrando-o para trás. Ele levou as mãos ao rosto, tentando esconder sua expressão de choque e culpa. Brandão ficou em silêncio, com os olhos fixos no chão enquanto tentava processar o que estava ouvindo. A Entidade continuou, sua voz cortante como uma faca:

— A criança ficou ali caída na rua. E você, embriagado, com as mulheres no carro, só olhou pelo retrovisor. Viu o menino ainda mexendo o braço e simplesmente foi embora, deixando-o naquela noite fria e escura como companheira da morte.

Brandão levou as mãos ao rosto, cobrindo os olhos enquanto lágrimas começavam a escorrer por entre seus dedos. Ele tremia levemente, como se estivesse revivendo aquele momento.

A Entidade aumentou o tom de voz, sem piedade:

— Sim, você atropelou uma criança que estava indo para casa depois de um dia de trabalho para ajudar a mãe e os irmãos. Você ceifou a vida dele e todos os seus sonhos. Você fugiu.

Brandão tentou se defender, a voz trêmula:

— Eu pensei que era um animal, só isso...

Brandão abaixou as mãos, revelando seu rosto molhado de lágrimas. Seus olhos estavam vermelhos, mas havia também um brilho de vergonha neles.

A Entidade se irritou, interrompendo-o com firmeza:

— Deixe de ser mentiroso! Você viu o olhar da criança pelo retrovisor, mas era mais importante ficar com as putas no carro e voltar para sua casa.

Brandão baixou a cabeça novamente, murmurando:

— Eu nunca esqueci o olhar do menino...

Brandão cruzou os braços sobre o peito, como se tentasse se proteger das palavras cortantes da Entidade.

A Entidade não deu trégua:

— O pior, Dr. Brandão, é que a sua consciência ainda falou: "Volta!" Era o seu mentor. Mas você disse "ok" para ele e pensou: "Eu não posso voltar." Acelerou, fugiu. Afinal, Dr. Brandão, aquela era uma zona rural. E você pensou: "Vou falar que peguei uma das vacas da fazenda e por isso o sangue no carro." E ninguém desconfiou que o senhor Brandão tinha matado uma pessoa. A mãe dele, Dr. Brandão, por muito tempo, só queria uma coisa simples: que a pessoa se arrependesse. E você nunca se arrependeu. Nunca. Pelo contrário.

Brandão permaneceu imóvel, como se tivesse sido atingido por um golpe invisível. Seu corpo inteiro parecia pesado, carregado pela culpa que ele tentara ignorar por anos.

Brandão finalmente falou, a voz quase inaudível:

— Eu sei que agi errado, mas eu estava com medo.

A Entidade se irritou novamente:

— Medo? Tem certeza que estava com medo? Aquela criança ficou muito mal. Passou a noite na escuridão até que veio a falecer quando o sol estava raiando. Ele estava se achando um nada. Mas, com a graça do universo, espíritos de luz da mãe rainha estavam à

espera dele do outro lado. E perguntaram se ele tinha raiva da pessoa que fez aquilo com ele. E ele falou: "Não."

Brandão levou as mãos ao peito, como se sentisse uma dor física. Suas lágrimas agora eram de remorso profundo. Ele balançava a cabeça lentamente, incapaz de encontrar palavras para se defender.

O Julgamento Final

A Entidade continuou, implacável:

— É, doutor Brandão. Foram quantas as pessoas que estavam do seu lado quando precisavam de você e você virou as costas, porque não gostava delas, ou por que não queria? Simplesmente sendo esnobe.

Brandão confirmou as palavras da Entidade com um leve aceno de cabeça, incapaz de negar a verdade que estava sendo exposta. A Entidade sorriu meio sem graça, como se soubesse que o pior ainda estava por vir:

— E agora, doutor Brandão? Todas essas pessoas que você maltratou estão aqui. Algumas faleceram, outras estão em desdobramento e vão conversar com o senhor, falando as verdades que você precisa ouvir. Eu vou deixá-las falando com o senhor, doutor Brandão. Depois eu volto.

Brandão, ainda abalado, tentou entender onde estava:

— Eu sabia... Isso então é o purgatório? Isso é o inferno? Isso é o quê?

A Entidade sorriu, com um ar enigmático:

— Isso é sua consciência, doutor, sua consciência.

Brandão tentou se desculpar, buscando justificativas para suas ações:

— Ah, eu não tive culpa de ter nascido rico. Meu pai é que é o culpado, que não me deu carinho, nunca me deu nada além de dinheiro e poder.

A Entidade percebeu uma mudança em Brandão, mas não deixou que ele escapasse tão facilmente:

— É verdade, doutor Brandão, pobre menino rico.

Brandão começou a caminhar de um lado para o outro, gesticulando enquanto falava, como se estivesse tentando convencer a si mesmo:

— Minha mãe também era alcoólatra. Então, eu sou fruto desse meio, e o meio não me ajudou. O meio só me cobrou. Eu sou uma vítima do meio.

A Entidade riu, aproximando-se dele. Olhou diretamente em seus olhos e falou com firmeza:

— Hipócrita.

Brandão tentou se defender, nervoso:

— Você é um anjo, não pode falar uma coisa assim!

A Entidade respondeu, com um sorriso irônico:

— Eu, anjo? Nunca disse que sou um anjo, Dr. Brandão.

Brandão recuou alguns passos, assustado, como se finalmente percebesse que estava diante de algo muito maior do que ele.

— Quem você é? — perguntou ele, com a voz trêmula.

A Entidade ficou enigmática, como se guardasse segredos que não pretendia revelar:

— Bem, doutor Brandão, em breve o senhor vai saber. As pessoas que querem falar com o senhor já estão aqui. Existe a questão social, mas existe também a questão pessoal, que são escolhas. Você teve várias escolhas e possibilidades para pegar o caminho certo, mas sempre pegou o caminho errado, porque achou melhor. Se todo mundo faz coisas erradas, por que eu não posso fazer? Esse era o seu pensamento.

Brandão tentou argumentar, desesperado:

— Não sou o único errado no mundo!

A Cobrança Final

A Entidade se irritou ainda mais, sua voz ecoando como um trovão no silêncio que pairava sobre eles:

— Sim, e pessoas como você fazem o mundo ser cada vez pior para a maioria de nós que deseja apenas ter a experiência de vida. Mas somos escravizados socialmente, perdendo a chance de viver a plenitude que a mãe Terra nos possibilita.

Brandão sentiu o peso das palavras como uma pedra em seu peito. Ele baixou a cabeça, os olhos marejados, enquanto as mãos tremiam levemente ao lado do corpo.

— Entendo... E me arrependo — murmurou ele, com a voz embargada. — Quero encarnar novamente como uma pessoa pobre para sentir o que vocês sentiram.

A entidade riu, mas não havia humor em sua risada. Era uma risada de incredulidade, quase de pena:

— Deixe de ser ridículo! Então, você acha que ser pobre é ser um espírito ruim ou atrasado? Nossa, isso só mostra o seu preconceito ainda!

Brandão tentou argumentar, confuso:

— Mas pensei que...

A entidade o cortou imediatamente, sem dar espaço para desculpas:

— Pensar, você vai agora. E a cobrança é sua consciência, doutor. É a única pessoa que você não pode mentir: é para si mesmo.

Brandão levou as mãos à cabeça, como se tentasse afastar as palavras dela. Seus olhos vasculharam o ambiente escuro, procurando algo que pudesse explicar aquela situação surreal.

— Isso aqui é o inferno? Isso aqui é o tal do umbral? — perguntou ele, com a voz trêmula.

A Entidade olhou para ele e sorriu, divertindo-se com o desespero crescente de Brandão:

— Não. Aqui é só um espaço para as pessoas repensarem suas vidas. E o senhor tem muito que repensar, doutor. Muito.

A entidade deu alguns passos para trás, até desaparecer completamente na escuridão. Brandão ficou sozinho, cercado por um vazio profundo que parecia engoli-lo.

O Confronto com a Verdade

Brandão olhou para um lado, depois para o outro. Era só escuridão. Ele começou a caminhar lentamente, mas tudo o que pensava aparecia diante dele. Todas as mentiras que contara, todas

as pessoas que magoara, todos os seus medos e pecados materializavam-se no ar, como hologramas cruéis.

Ele caiu de joelhos, chorando descontroladamente. Cada lembrança era uma facada em seu coração. A cena do atropelamento repetia-se sem parar em sua mente: o clarão dos faróis, o corpo frágil do menino caído na estrada, o braço mexendo lentamente enquanto ele olhava pelo retrovisor. O olhar da criança — aquele olhar que nunca o deixou, mesmo quando tentava ignorá-lo.

Brandão gritou, desesperado, enquanto as imagens continuavam a assombrá-lo. Parecia que o tempo não passava ali, como se estivesse preso em um loop infinito de culpa e remorso.

O Despertar

Até que, de repente, Brandão abriu os olhos. Estava de volta à festa em sua homenagem, cercado por rostos conhecidos. As luzes brilhavam, a música tocava ao fundo, e as pessoas aplaudiam enquanto ele voltava à realidade.

— Doutor Brandão? O senhor está bem? Vai pegar o seu prêmio — disse o prefeito da cidade ao seu lado.

Brandão piscou várias vezes, tentando entender o que havia acontecido. Sorriu automaticamente, como se nada tivesse mudado, e se levantou. Caminhou até a mesa onde estava o microfone, agradecendo aos presentes com um gesto de cabeça.

Mas então, algo mudou dentro dele. Quando ele pegou o microfone, sua voz saiu diferente — firme, sincera, cheia de dor e verdade.

— Boa noite, senhor delegado, presidente da câmara dos vereadores, prefeito, todos presentes... — começou ele, olhando ao redor. — Lembram de uma criança que morreu há 20 anos atrás na nossa comunidade, no caminho do Boqueirão?

Os presentes murmuraram entre si, confusos, mas confirmaram que sim, lembravam.

Brandão continuou, com a voz embargada pela emoção:

— Foi um acidente terrível, né, gente? Fui eu quem matou aquela criança. Quero me entregar à justiça. Passei com o meu carro naquela pista e, por diversos motivos, e por estar drogado e alcoolizado, passei por cima do menino e não dei assistência a ele. Por isso a mancha no meu carro, que inventei que era um gado que atropelou, e paguei o delegado da época para abafar o caso.

Brandão largou o microfone no chão, como se fosse um peso insuportável. Suas pernas fraquejaram, e ele caiu de joelhos novamente, dessa vez diante de todos os convidados. Lágrimas escorriam livremente pelo seu rosto enquanto ele repetia:

— Eu matei aquela criança... Eu matei aquela criança...

O salão ficou em silêncio absoluto. Todos olhavam para ele, chocados. Alguns murmuravam, outros apenas observavam, incrédulos. Mas Brandão já não se importava mais com o que pensavam. Ele finalmente havia enfrentado sua verdade.

O Ato de Redenção

O salão estava em completo silêncio. O peso das palavras de Brandão pairava no ar como uma tempestade prestes a desabar. Todos os olhos estavam fixos nele, mas Brandão já não se importava mais com o que pensavam. Ele sentia algo maior dentro de si — uma necessidade urgente de reparar, mesmo que fosse tarde demais.

Brandão levantou-se lentamente, limpou as lágrimas do rosto com as costas das mãos. Sua voz tremia, mas era firme quando ele falou novamente:

— Aquela rua... Vou ter que chamar de Rua Wellington da Paz, em homenagem ao garoto que morreu. E para sua mãe, eu só quero dizer uma coisa: Perdão. Perdão.

Ele abaixou a cabeça, como se carregasse o peso do mundo sobre os ombros. Seus olhos estavam fechados, mas, ao abri-los, ele viu algo que o deixou paralisado. Ao lado dele, estava o espírito que o havia confrontado durante toda aquela experiência. Mas agora, diante de seus olhos, aquela figura enigmática começou a se transformar. Lentamente, ela assumiu a forma do menino que ele havia atropelado tantos anos atrás — Wellington.

Brandão arregalou os olhos, incrédulo. Seu corpo tremeu enquanto ele tentava processar o que estava vendo. Lágrimas escorreram livremente pelo seu rosto ao olhar para o garoto, cujos olhos eram cheios de compaixão, apesar de tudo.

— Wellington... — murmurou Brandão, com a voz embargada.

Wellington não disse nada. Ele apenas sorriu suavemente, como se transmitisse uma mensagem silenciosa de perdão e paz.

Brandão caiu de joelhos novamente, soluçando incontrolavelmente. Ao fundo, uma luz suave começou a brilhar. A mãe de Wellington apareceu, caminhando em direção ao filho. Ela o abraçou com ternura, e ambos começaram a se dissolver em uma luz intensa e acolhedora.

Todos os presentes assistiam à cena em silêncio, incapazes de compreender completamente o que estava acontecendo. Era como se o tempo tivesse parado.

O delegado, que até então estava de pé sem saber o que fazer, abaixou-se lentamente em sua cadeira, visivelmente abalado. O prefeito, o reitor da universidade e os outros convidados

permaneceram imóveis, observando Brandão chorar sozinho no centro do salão.

Quando a luz finalmente desapareceu, Brandão continuou ajoelhado, com o rosto coberto pelas mãos. Ele sabia que aquele momento mudaria sua vida para sempre.

O Silêncio dos Presentes

Ninguém sabia o que dizer ou fazer. O delegado, que era o homem mais poderoso da cidade, parecia pequeno diante da magnitude do que acabara de acontecer. Ele olhou ao redor, buscando algum tipo de orientação, mas todos estavam tão chocados quanto ele.

O prefeito aproximou-se lentamente de Brandão, hesitante. Ele colocou uma mão no ombro do empresário, como se quisesse oferecer algum conforto, mas logo recuou, percebendo que aquilo era algo que Brandão precisava enfrentar sozinho.

Brandão finalmente levantou-se, ainda trêmulo. Ele olhou ao redor, encontrando os olhos de cada pessoa presente. Havia dor, confusão e até um pouco de medo nos olhares, mas também havia algo mais: respeito.

— Eu... Eu vou me entregar à justiça — disse ele, com a voz rouca. — Não mereço mais estar aqui. Mas antes disso, quero fazer algo por aquela família. Por aquela mãe.

Ele ajustou o nó da gravata, como se tentasse recuperar um pouco de dignidade, mas seus olhos ainda estavam vermelhos e inchados de chorar.

— Vou construir um memorial naquela rua — continuou ele. — Um lugar onde as pessoas possam refletir sobre suas escolhas e sobre o impacto que elas têm na vida dos outros. E vou dedicar minha vida a ajudar os outros, porque é isso que eu deveria ter feito desde o início.

Uma Nova Jornada

A festa terminou abruptamente após o discurso de Brandão. As pessoas saíram do salão em silêncio, ainda processando o que haviam presenciado. Alguns murmuravam entre si, outros simplesmente balançavam a cabeça, incrédulos. Brandão ficou sozinho no salão, sentado em uma cadeira, olhando para o chão. Ele sabia que o caminho à frente seria difícil, mas também sabia que era o único caminho possível.

No dia seguinte, Brandão entregou-se à polícia. Ele confessou tudo o que havia feito, incluindo o suborno ao delegado da época. Foi preso, mas, pela primeira vez em muitos anos, ele sentiu paz.

Enquanto isso, a cidade começou a mudar. A Rua Wellington da Paz foi inaugurada com um memorial simples, mas tocante. As pessoas passaram a frequentar o local para refletir sobre suas próprias vidas e escolhas.

E Brandão? Ele começou a trabalhar em projetos sociais enquanto aguardava o julgamento. Sabia que não poderia apagar o passado, mas estava determinado a construir um futuro melhor — não apenas para si, mas para todos ao seu redor.

Em uma manhã ensolarada, Brandão caminhou até o memorial e colocou uma flor ao lado da placa que dizia "Rua Wellington da Paz". Ele fechou os olhos por um momento, como se estivesse conversando silenciosamente com o menino que nunca teve a chance de crescer. Quando abriu os olhos, havia um leve sorriso em seu rosto.

Era o começo de uma nova jornada.

O Encontro Final

Brandão estava sentado em um banco na praça central da cidade, olhando para o memorial que havia construído em

homenagem a Wellington. A placa brilhava sob o sol da manhã, com as palavras "**Rua Wellington da Paz**" gravadas em letras douradas. Ele ainda sentia o peso de seus erros, mas algo dentro dele começava a mudar. Era como se cada lágrima que derramara tivesse lavado parte de sua culpa.

Enquanto ele refletia, uma presença suave chamou sua atenção. Brandão levantou os olhos e viu Wellington parado à sua frente. O menino sorria, com uma expressão de paz e compaixão que Brandão jamais esqueceria.

Wellington estendeu a mão para Brandão, que hesitou por um momento antes de segurá-la. Era como tocar uma luz quente e acolhedora, algo que ele nunca havia sentido antes.

— Você fez o certo, Brandão — disse Wellington, com uma voz suave que ecoava no coração do empresário. — E agora é hora de continuar fazendo o bem.

Brandão abaixou a cabeça, envergonhado.

— Eu não mereço seu perdão, Wellington. Mas quero consertar tudo o que fiz. Quero honrar sua memória.

Wellington sorriu novamente, como se já soubesse das intenções de Brandão.

— Eu sempre soube que você tinha bondade dentro de si. Só precisava encontrá-la.

Brandão levantou-se lentamente, ainda segurando a mão de Wellington. Ele sentiu uma energia diferente ao redor, como se estivessem em um espaço entre o mundo físico e o espiritual.

O Contrato de Redenção

Naquele momento, Brandão percebeu o que precisava fazer. Saiu correndo e foi até o seu escritório e ligou para o seu advogado pedindo um contrato e explicou como deveria ser. No dia seguinte, ele convida a imprensa para informar algo inusitado.

Diante de Brandão os advogados apresentaram uma mesa com um contrato. Ao lado da mesa, estava algumas figuras imponentes da cidade. Brandão olhou para o lado e percebeu uma entidade que deveria ser o seu mentor e do lado Wellington. Brandão se vira para as pessoas presentes e para a mídia.

— Este é o meu compromisso com o futuro — disse ele apontando para o contrato.

Brandão aproximou-se da mesa e leu o documento. Nele, estava escrito que 20% de todos os ganhos de suas empresas seriam destinados à **Fundação Wellington da Paz**, que forneceria comida, educação e apoio a jovens carentes. Além disso, sua universidade passaria a doar mais de 30% de suas vagas para estudantes de baixa renda, sem cobrar mensalidades. No entanto, quando esses jovens se formassem, eles teriam a obrigação de dedicar — por pelo menos dois anos — uma hora por dia de trabalho voluntário em suas áreas de atuação.

Brandão assinou o contrato com determinação, sentindo que aquilo era apenas o começo de sua jornada de reparação.

Ao assinar o contrato, ele sentiu uma leveza no peito, como se uma pedra tivesse sido retirada de seus ombros. Quando ergueu os olhos, viu que a universidade ao fundo estava com o novo nome escolhido por Wellington. Então, anuncia:

— Amigos, a partir de agora a universidade vai se chamar **Universidade Cruz das Almas**, em homenagem a todas as vidas que mereciam uma segunda chance.

Um Novo Propósito

Nos meses seguintes, Brandão começou a trabalhar diretamente na Fundação Wellington da Paz. Ele visitava comunidades carentes, distribuía alimentos e conversava com jovens que sonhavam em mudar de vida. Para sua surpresa, Wellington estava sempre ao seu lado, invisível para os outros, mas presente para ele.

Em uma dessas visitas, Brandão estava ajudando a construir uma nova escola. Ele carregava tijolos e misturava cimento, algo que nunca havia feito antes. Suas mãos estavam calejadas, mas ele sorria enquanto trabalhava. Ao seu lado, Wellington o observava com orgulho.

— Você está fazendo um bom trabalho, Brandão — disse o menino, com um sorriso encorajador.

— Não seria possível sem você, Wellington — respondeu Brandão, com sinceridade.

Brandão parou por um momento, olhando ao redor. Viu crianças correndo e brincando no terreno onde a escola estava sendo construída. Elas riam, cheias de esperança, e ele sentiu que estava contribuindo para algo maior do que ele mesmo. Vendeu todos os seus carros de luxo, doou o dinheiro e ficou apenas com um carro popular.

Uma Nova Identidade

Com o tempo, a Universidade Cruz das Almas tornou-se um símbolo de transformação social. Jovens de comunidades carentes começaram a frequentar suas salas de aula, trazendo novas perspectivas e ideias. Muitos deles voltavam para suas comunidades após a formatura, cumprindo o compromisso de trabalho voluntário e ajudando a melhorar a vida de outras pessoas.

Brandão, por sua vez, continuava a trabalhar incansavelmente. Ele sabia que nunca poderia apagar completamente o passado, mas estava determinado a construir um futuro melhor. E, em cada passo dessa jornada, ele sentia a presença de Wellington ao seu lado, guiando-o.

Certa noite, enquanto caminhava pelo campus da universidade, Brandão olhou para o céu estrelado. Ele viu uma luz brilhante que parecia piscar para ele. Sorriu, sabendo que era Wellington dizendo que estava orgulhoso.

— Obrigado, meu amigo — murmurou Brandão, com lágrimas nos olhos — Você me mostrou o verdadeiro significado da vida.

A luz no céu brilhou ainda mais forte, como se respondesse ao seu agradecimento. Brandão sentou no banco da universidade e ficou vendo as estrelas. Cochilou e quando abriu os olhos ele se viu em um lugar diferente só que agora com luz e brilhante. Ele olhou em volta e viu Wellington chegando e o abraçando.

Brandão sorri:

— Desencarnei?

Wellington sorrindo, respondeu:

— Sim meu amigo e os frutos que plantou vão ser sempre inspiradores na Terra.

Brandão olha em volta e pela primeira vez em muitos anos, Brandão sentiu que estava realmente vivo.

FIM